



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

ELAS NO MOVIMENTO
podcast sobre mulheridades negras em Campo Grande/MS

Beatriz Brites Prado

Campo Grande

SETEMBRO /2023

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário, 79070-900 - Campo Grande (MS),
Fone: (0xx67) 3345-7607 - <http://www.ufms.br> <http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ELAS NO MOVIMENTO

podcast sobre mulheridades negras em Campo Grande/MS

Beatriz Brites Prado

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador(a): Prof. Dra. Rafaella Lopes Pereira Peres

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário, 79070-900 - Campo Grande (MS),
Fone: (0xx67) 3345-7607 - <http://www.ufms.br> <http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



01/12/2023, 16:29

SEI/UFMS - 4479023 - Ata



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: Elas no movimento: podcast sobre mulheridades negras em Campo Grande/MS

Acadêmicos: Beatriz Brites Prado

Orientador: Rafaella Lopes Pereira Peres

Data: 23/11/2023

Banca examinadora:

1. Rafaella Lopes Pereira Peres
2. Katarini Giroldo Miguel
3. Daniela Giovana Siqueira

Avaliação: (x) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca destaca a qualidade do produto (podcast) e indica a necessidade de revisão atenta do Relatório Final, a partir dos apontamentos realizados na defesa.

Campo Grande, 24 de novembro de 2023

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Rafaella Lopes Pereira Peres, Professora do Magistério Superior**, em 01/12/2023, às 16:03, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Quintino Monteiro Lima, Professor do Magisterio Superior**, em 01/12/2023, às 16:10, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



01/12/2023, 16:29

SEI/UFMS - 4479023 - Ata



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4479023** e o código CRC **62003607**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.019610/2023-19

SEI nº 4479023



SUMÁRIO

Resumo	
Introdução	7
1. Suportes teóricos adotados	11
1.1 Invisibilidade histórica	11
1.2 Mulheridades negras: o enfrentamento contra o racismo e o machismo	13
1.4 A estereotipação das mulheres negras na mídia	21
1.5 Mulheres negras em movimentos sociais e políticos	23
1.6 Perfil Jornalístico	29
1.7 Podcast como meio e Documentário Radiofônico como estratégia imersiva	32
1.8 Jornalismo humanizado: Estratégia de Imersividade em Narrativas Sonoras	37
2. Atividades desenvolvidas	41
2.1 Execução	41
2.1.2 Fontes, personagens, escolha das fontes	42
2.1.3 Podcast / edição	53
2.1.4 Identidade Visual	56
2.2 Dificuldades encontradas	59
2.3 Objetivos alcançados	60
Considerações finais	61
Referências	63
Anexos	65
Apêndice	67



RESUMO:

O presente trabalho apresenta o processo de produção e desenvolvimento do *podcast* “Elas no Movimento”, que conta a história de três mulheres negras ativas em movimentos sociais e políticos da capital de Mato Grosso do Sul. O *podcast* é composto por três episódios, (1) “quem são elas”, que introduz a temática, (2) “o movimento delas”, que apresenta suas ações e (3) “sou porque nós somos” que apresenta a relação das três com a ideia de coletividade e impacto social. A série foi produzida para ser disponibilizada no *Streaming* de áudio, Spotify¹. Além disso, foram abordadas questões que envolvem suas histórias, em âmbito profissional e pessoal. Para viabilizar a produção foram utilizadas estratégias e ferramentas da produção de *podcasts* jornalísticos, narrativa documental sonora, perfil jornalístico e jornalismo humanizado, para que essas histórias fossem contadas de forma afetuosa e cativante. Promover uma reflexão aprofundada sobre os assuntos tratados é um dos objetivos, que se pretende alcançar por meio da discussão sobre a invisibilidade histórica e a estereotipação das mulheres negras, considerada ainda a presença ativa das entrevistadas na luta por sobrevivência e direitos. Como resultado, o trabalho apresenta um *podcast* com uma espécie de perfil das fontes-personagens, de forma que fossem captadas a singularidade e a força das diferentes mulheres entrevistadas. A possibilidade de evidenciar essas características, ao mesmo tempo em que é possível acessar informações embasadas e construir conhecimento, é um dos resultados mais expressivos deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo humanizado; documentário radiofônico; áudio; mulheres negras

¹ Link do *Podcast*, disponível no Spotify: <https://podcasters.spotify.com/pod/show/beatriz-brites-prad>



INTRODUÇÃO

A população negra passa por diversas violências, físicas, morais, identitárias, entre outras, e esse processo – racista – se estende até os dias atuais, ainda que de maneira velada, promovendo uma tentativa de invisibilização de vozes e existências. Neste sentido, ações emancipatórias são idealizadas por militantes negras, que buscam por melhorias em suas vidas e de todos aqueles que pertencem à comunidade negra. “A luta pela igualdade, direitos e justiça vêm de longe, desde a exploração dos povos indígenas e da escravização da população negra” (Ribeiro, 2022, p. 5).

As mulheres negras se articulam há anos por meio de organizações sociais e políticas, da qualificação acadêmica, conscientização, cultura e arte e diversas propostas de políticas públicas, a fim de lutarem contra as segregações.

Enfocar a importância da luta das feministas negras como negação e enfrentamento cotidiano à secundarização das pautas reivindicatórias, de invisibilidade, de exploração, de opressão e de violências sexuais-identitárias-étnico-raciais (Ribeiro, 2022, p.3).

Para evitar a deturpação da imagem da pessoa negra e não contribuir para a perpetuação de estereótipos² ligados às mulheres em geral – que reforçam a força feminina, construção sexista e racista – é fundamental, também, que elas sejam as locutoras de suas próprias vivências. Desta forma, é necessário que essas mulheres narrem os seus próprios feitos, assim como os ideais e as motivações que as levaram a tais ações, tal como reforça Conceição Evaristo: “[...] as nossas escrituras contam as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à

² A literatura e os personagens de programas de televisão orientam, em conjunto com o protagonismo do cinema, a apresentação de 13 arquétipos sobre os/as negros/as [...] “mãe-preta” (sofredora, conformada e abnegada), “mártir” (forte, resistente aos infortúnios da vida), “negro de alma branca” (consegue se desvencilhar de condições adversas, bem-educado, busca integração com os brancos), “nobre selvagem” (digno, batalhador) [...] “nega maluca” (ingenuidade, infantilidade, simpática, comicidade) (Candido; Júnior, 2019, p. 3-4)



nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande”.³ Por isso o *podcast* “Elas no Movimento” foi produzido para apresentar a história de três mulheres negras por meio de uma narrativa contada em primeira pessoa e de dedicar espaço de protagonismo a essas mulheres. As personagens entrevistadas participam ativamente de movimentos sociais e políticos e reivindicam melhorias para a população negra em Campo Grande, Mato Grosso do Sul (MS).

As atuações sistemáticas das mulheres negras nas questões de classe social, gênero e raça/etnia contribuem para a estruturação de instituições acadêmicas, políticas e sociais para o fortalecimento do movimento social e vice-versa, com isso provocam repercussão das lutas para a sociedade (Ribeiro, 2022, p.15).

Neste contexto, este trabalho tem como objetivo principal apresentar o processo produtivo de um *podcast* jornalístico, com a intenção de evidenciar a história, as conquistas, a luta e as estratégias de sobrevivência das mulheres negras atuantes em movimentos sociais na capital de MS. Para alcançar esta intenção, os objetivos específicos previram a utilização do jornalismo humanizado, de caráter imersivo-descritivo, que destacam como as fontes-personagens lidam (ou não) com ações advindas do machismo e do racismo estrutural⁴, ainda normalizados na sociedade.

O *podcast* é composto por três episódios, com duração de 16 minutos nos dois primeiros e 18 minutos no último, que apresentam as vivências e as produções dessas mulheres, além de abrirem um espaço de debate sobre o recorte de gênero e as

³ Fala de Conceição Evaristo em entrevista ao Jornal Nexo no dia 26 de maio de 2017, disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Conceição-Evaristo-minha-escrita-é-contaminada-pela-condição-de-mulher-negra>

⁴ “Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar [...] A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de postura e da adoção de práticas antirracistas” Almeida (2019, p. 52).



opiniões pessoais sobre o movimento negro de Campo Grande. Os títulos dos episódios refere-se ao tema tratado em cada um deles: o 1º é “quem são elas”, que introduz a temática, o 2º se chama “o movimento delas” e apresenta os projetos em que elas participam, o 3º e último é “sou porque nós somos”, que apresenta a relação das três com a coletividade e o impacto social.

O *podcast* foi escolhido como produto jornalístico a ser produzido, com o intuito de alcançar o máximo de pessoas, em especial os jovens – que têm sido um dos principais consumidores⁵ de *podcasts*. De acordo com pesquisa realizada pelo site Statista em conjunto com IBOPE, 2019, mais de 30 milhões de brasileiros consomem esta publicação digital de áudio. Além disso, ele promove a oportunidade, para quem estiver acompanhando os episódios, de imergir nas histórias contadas.

Quando utilizamos, unicamente, o áudio como ferramenta de comunicação precisamos descrever as informações detalhadamente. Assim, a partir da sonoridade, o ouvinte é provocado a exercitar sua imaginação e criar empatia com a história, na medida em que ela vai sendo aprofundada. Ao contar sobre suas vivências, pontos de vistas e sentimentos, esperamos que as entrevistadas ajudem a ambientar o/a leitor/a e que, ao longo dos episódios, isso aumente o interesse e a empatia de quem estiver acompanhando.

No âmbito temático, o aprofundamento teórico constante foi indispensável durante toda a produção, com o intuito de adquirir conhecimento e consciência sobre como abordar os assuntos e como estruturar o roteiro de perguntas para as entrevistadas. Por isso, foram essenciais leituras sobre movimentos sociais de mulheres negras no Brasil, feminismo negro, racismo estrutural, machismo e

⁵ A média de idade do ouvinte de *podcast* passou de 29 [em 2018] para 28 anos [em 2019] - Fonte: PodPesquisa/ Associação Brasileira de *podcasters* (Abpod) – 2019 <https://abpod.org/podpesquisa/>



invisibilidade das mulheres negras. Além de um conceito importante que intitula este trabalho, “mulheridades”. Um termo que traz a reflexão sobre a pluralidade das mulheres negras, para que todas as temáticas envolvidas a elas sejam debatidas e consideradas: “Justamente, colocar em discussão a pluralidade que emerge dessa categoria. [...] Mulheres negras, trans, lésbicas, da periferia, que participam de ocupações, prostitutas, que vivem na rua e com deficiências” (Dell’aglio; Macedo; Cruz, 2020, p. 20 e 22).

Ainda, foi criada uma identidade visual, pela ilustradora e estudante de jornalismo Victória Amorim, para inserir o *podcast* nas plataformas digitais, como o Spotify, onde ele está disponível para acesso.

1. SUPORTES TEÓRICOS

1.1 Invisibilidade histórica

A questão da invisibilidade de mulheres negras norteou a idealização deste trabalho e direcionou a produção do *podcast* apresentado aqui. O livro *Mulheres do Brasil, a história não contada* (Rezzutti, 2018), por exemplo, é uma das referências deste principais e reúne um compilado de resumos sobre mulheres que participaram da construção da história brasileira e que são pouco conhecidas.

NÃO! AS MULHERES NÃO PRECISAM de mais um homem para falar por elas. A mulher brasileira tem voz própria há anos. Mas eu gosto de contar histórias, e ainda existem histórias a seu respeito que não foram contadas ou não foram contextualizadas dentro do espaço em que existiram [...] eu quero contar como elas foram apagadas ou tiveram o seu papel diminuído (Rezzutti, 2018, p. 17).



No primeiro capítulo, 'Mães do Brasil', o autor explica como eram as brasileiras quando o país ainda era uma colônia. Ele divide este capítulo em subcapítulos para descrever mulheres indígenas, escravas negras e brancas, do povo e da elite. Aqui, nos interessa, especialmente, a história das mulheres negras: "As brancas seguiam seus maridos ou vinham se casar e lutariam pelos seus bens e suas propriedades, tendo, por vezes, que assumir o papel legado ao homem. As negras foram obrigadas a vir para um cativeiro" (Rezzutti, 2018, p. 47).

É importante entendermos que o processo de silenciamento das mulheres atinge, historicamente, as mulheres negras que não tiveram os mesmos privilégios que as mulheres brancas. Englobar todas as mulheres em uma única realidade é uma ação injusta, desnivelada e violenta/perigosa.

As mulheres negras sofriam múltiplas perdas. Foram capturadas e destituídas de tudo: humanidade, individualidade, cultura, família e bens [...] deixavam para trás cidades, povoados e vilas africanas e a sua liberdade (Rezzutti, 2018, p. 47-48).

O capítulo intitulado '*Rainhas negras*' relembra que essas mulheres, em seus países de origem, eram da realeza e atuavam como líderes e guerreiras. "Assim que tinham oportunidade, fugiam e lutavam por sua liberdade, como foi o caso de Aqualtune, no século XVII, sobre quem há pouca documentação" (Rezzutti, 2018, p. 49). Aqualtune foi uma das mulheres que participaram de uma das maiores resistências dos escravos brasileiros, o reconhecido internacionalmente 'Quilombo dos Palmares'. Ela, nos últimos meses de sua gestação, planejou sua própria fuga e ao chegar em Palmares, foi recebida como "uma grande princesa guerreira" (Rezzutti, 2018, p. 49).

Apesar de não possuímos documentos oficiais sobre figuras importantes que ajudaram a constituir nossa história e lutaram incansavelmente pela liberdade de seu



povo e de si mesmas, temos acesso a fontes testemunhais que nos contam e perpetuam esses legados. Neste sentido, ficam evidentes as incontáveis ações de resistência das mulheres negras.

Outra problemática causadora da invisibilidade é a estereotipação, como caracteriza Young (1990), quando discute o imperialismo cultural, “uma forma de opressão que dissemina significados estabelecidos de modo exterior ao grupo representado, invisibilizando suas próprias narrativas ao mesmo tempo em que reproduz estereótipos” (Candido; Júnior, 2019, p. 3).

1.2 Mulheridades negras: o enfrentamento contra o racismo e o machismo

Historicamente, as mulheres negras sofrem, entre outros, com dois tipos de preconceitos: racismo⁶ e machismo⁷. Essas violências parecem acompanhá-las por toda a vida, não por acaso. Mesmo após diversos debates, que denunciam e desaprovam essas ações, ouvimos relatos de muitas mulheres ainda são reféns de uma sociedade estruturalmente misógina e com altos índices de discriminação racial.

Em primeiro lugar, ao longo de toda sua vivência, as mulheres precisam lidar com o machismo, “um modo de ser que privilegia os ‘machos’ enquanto subestima os demais. Ele é totalitário e insidioso [...] em que se aceita a superioridade dos homens devido à sua masculinidade” (Tiburi, 2020, p. 62). Como consequência (uma delas), elas ainda têm que passar por situações de opressão porque, infelizmente, este é o

⁶ Racismo: preconceito, discriminação ou antagonismo por parte de um indivíduo, comunidade ou instituição contra uma pessoa ou pessoas pelo fato de pertencer a um determinado grupo racial ou étnico, tipicamente marginalizado ou uma minoria. Fonte: Dicionário Oxford Languages and google

⁷ Machismo: comportamento que rejeita a igualdade de condições sociais e direitos entre homens e mulheres. Fonte: Oxford Languages and Google Online Dictionary. Disponível em: <https://languages.oup.com/>



modo de pensar e agir enraizado em nossa sociedade patriarcal. “O que chamamos de patriarcal é um sistema profundamente enraizado na cultura e nas instituições” (Tiburi, 2020, p. 26).

Ele tem uma estrutura de crença firmada em uma verdade absoluta, uma verdade que não tem nada de “verdade”, que é, antes, produzida na forma de discursos, eventos e rituais. Em sua base está a ideia sempre repetida de haver uma identidade natural, dois sexos considerados normais, a diferença entre os gêneros, a superioridade masculina, a inferioridade das mulheres e outros pensamentos que soam bem limitados, mas que ainda são seguidos por muita gente (Tiburi, 2020, p. 27).

À medida que lemos autores que problematizam e estudam de forma mais aprofundada esses temas, começamos a entender que essas ações de discriminação são longevas e cotidianas. E que, de fato, “este modelo - de convívio social com ênfase na subordinação feminina – esteve bem evidente nas comunidades ocidentais cristãs e também na sociedade brasileira do século XV até a atualidade” (Lunz, 2018, p. 50). Em função deste modelo de convivência ser costumeiro, e mal conseguirmos percebê-lo, o perpetuamos nas pequenas ações do dia a dia. Ignoramos, por exemplo, e com frequência, episódios onde a mulher é colocada em uma posição de inferioridade. “Está na macroestrutura e microestrutura cotidiana” (Tiburi, 2020, p. 63) e é quase impossível pensar em um cenário diferente deste.

Além de enfrentarem violências advindas do machismo, as mulheres negras estão sujeitas, também, a sofrerem com o racismo. E da mesma forma que o machismo é um sistema enraizado nas nossas ações cotidianas, entendemos que o racismo também é.

[...] o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar [...] A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com repúdio moral do racismo: depende,



antes de tudo, da tomada de postura e da adoção de práticas antirracistas (Almeida, 2019, p. 52).

Assim, é muito importante que estas ações sejam percebidas e combatidas. “[...] é pauta emergencial desconstruir os processos de reprodução e repetição de modelos que perpetuam a situação de subalternidade da mulher negra” (Santos; Sales, 2018, p. 46).

A necessidade de aprofundamento da condição histórica da mulher negra brasileira, para que a partir disso sejam viabilizadas possibilidades de romper e ressignificar os lugares historicamente e hegemonicamente demarcados na estrutura social, que buscam justificar o devido lugar da mulher negra em nossa sociedade marcada pelo machismo, sexismo e racismo, tripé de opressões herdado e fundamentado no patriarcado colonial (Santos; Sales, 2018, p. 43).

Por meio de levantamento bibliográfico sobre o movimento negro, percebeu-se a oportunidade de aprofundamento sobre a ação de movimentos hegemônicos questionadores do racismo e do machismo estrutural, em especial o “feminismo hegemônico”. Com o objetivo de contrapor os impactos excludentes desta hegemonia, também presente no feminismo, “o Feminismo Negro é um movimento social e um segmento protagonizado por mulheres negras, promovendo e trazendo visibilidade às suas pautas e por reivindicação dos seus direitos” (Vasconcelos *et al.*, 2021, p. 262).

O Feminismo Negro propôs um novo olhar sobre as experiências das mulheres, que ressaltasse as diferenças entre estas em contraponto a uma homogeneização que visibilizava as condições específicas das mulheres quando se articulava a raça, etnia, classe, orientação sexual e outras categorias (*ibidem*).



Santos (2020), também discute, embasada em autoras militantes do movimento negro, os impactos do feminismo liberal, ou hegemônico na “manutenção das desigualdades sociais” (Santos, 2020, p. 2) e na perpetuação do silenciamento das mulheres negras. Isso porque esses movimentos parecem desconsiderar outros recortes sociais, de gênero, raça e classe social.

Há um apagamento, por parte do feminismo hegemônico e de outras lutas hegemônicas da história de lutas do movimento negro e do feminismo negro brasileiro. Feminismo hegemônico este, que não se propõe a pensar de maneira ativa, a questão racial (Santos, 2020, p. 2).

Neste contexto, Santos (2020) aborda e reflete como o feminismo negro é uma importante ferramenta de resistência frente à preconceitos e violências contra as mulheres negras. Especialmente porque, o feminismo constituído historicamente por mulheres de classe média e, em sua maioria, brancas, excluem realidades diferentes e desfavoráveis socialmente, sem ponderar os diversos recortes de cada indivíduo e as questões que perpassam todas as arestas da sua existência, gênero, classe, sexualidade, raça, entre outros. As mulheres negras não estavam incluídas quando o “feminismo universal” surgiu.

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto (Carneiro, 2020, p. 2).

Ou seja, enquanto as mulheres brancas lutavam para conquistar espaço no mercado de trabalho, as negras já estavam em “trabalhos” na rua, com seus corpos,



como vendedoras, em situações desumanas. No Episódio 3 do *podcast* esta problemática é evidenciada mostrando que as mulheres negras sempre tiveram que ter criatividade em sobreviver com o mínimo de dignidade, isto é, enfrentar a subjugação, como por exemplo a imposição do cuidar, e transformar tal imposição em fortalecimento - no caso dos relatos, através da coletividade como uma forma de resistência. Assim como acontece na tecnologia da criação de um dos pratos típicos brasileiros: a feijoada, que nada mais é a junção de vários ingredientes que antes seriam descartados e foi transformados em uma refeição completa.

Foi preciso “despender trabalho feminilizando o movimento negro e enegrecer o movimento feminista, a fim de contemplar suas especificidades” (Santos, 2020, p. 10), propondo também uma perspectiva que seja pautada em necessidades particulares, com “ideias compartilhadas por mulheres afro-americanas que oferecem um ângulo particular de visão” (Santos, 2020, p. 11).

Não é suficiente pensarmos sobre as mulheres apenas pelo viés do gênero, há outras desigualdades a serem superadas pelo sistema de opressão vividos pelas mulheres negras em nossa sociedade (Carneiro, 2020, p. 2). E a partir deste confronto direto à existência de outros preconceitos, faz-se necessário a criação de uma luta que abarque todas as formas de subalternidade.

[...] um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades (Carneiro, 2020, p. 2).

Santos (2020), evidencia ações de ativistas do movimento negro que se organizam em “coletivos que atuaram e atuam na luta feminista e antirracista visando



extirpar desigualdades estruturais no país” (Santos, 2020, p. 02), com o objetivo de alcançar direitos básicos para a população negra do Brasil. “O movimento de mulheres negras de um modo geral, seja junto ao feminismo ou ao movimento negro, tem uma longa tradição referente à elaboração de estratégias vinculadas à saúde da população negra” (Santos, 2020, p. 15).

O resultado da conscientização, sobre outras formas de viver, é a construção de atividades combatentes a esses preconceitos. “Esse novo olhar feminista e anti-racista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, arma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra” (Carneiro 2020, p. 3).

O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negros e de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro (idem, p. 3).

O termo “mulheridades” foi usado, aqui, a partir do apontamento de Rosângela Aparecida Hilário, doutora em Educação, líder do grupo Audre Lorde 2020, membra do Conselho de Desenvolvimento Social Sustentável da Presidência da República em 2023 e da Rede Brasileira de Mulheres Cientistas, na Campanha “Mulheridades negras na ciência”⁸.

Quando Sojourner Truth expressa a emblemática pergunta “E não sou uma mulher?”, nos faz refletir as desigualdades do (performar) “ser mulher” nas diferentes sociedades. Acreditamos que mulheridades é um conceito que transborda mulheres, encharcando-o de inclusão.

⁸ Campanha lançada no dia 01 de novembro de 2023. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/CzHsdX6PpZJ/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==



Entendemos que esse conceito está em processo e pretende incluir todas as possibilidades de mulherar no mundo, ampliando e renovando os entendimentos sobre ocupar espaços, maternar, compartilhar responsabilidades, direitos etc. Então, adotamos mulheridades para incluir.

O conceito está sendo debatido por pesquisadoras que buscam abordar aspectos de exclusão e inclusão nas diferentes realidades existentes no “ser mulher”. Em especial, na busca por desenvolver os assuntos relacionados às diferenças, aos desafios e às particularidades de cada mulher, sem considerar o termo “mulher” como uma possibilidade de ser universal.

É inegável que ainda hoje exista um apagamento de certas questões e que até aparecerem na grande mídia não são discutidas de formas justas e verdadeiras. Essa hegemonia nos leva a acreditar que certas lutas travadas há muitos anos, recém estão ganhando forças e espaços, quando na verdade, as tentativas de leis e holofotes para questões primordiais da sociedade diversa, se organiza há muito tempo e que deveria ser mais comum adotarmos as siglas e nomenclaturas no nosso cotidiano (Núcleo de Gênero e Diversidade, 2022)⁹

É preciso abranger a reflexão sobre a pluralidade feminina e o quanto essas diferenças compõem uma série de lutas, desigualdades e objetivos múltiplos. Para que também, ao refletir sobre a multiplicidade das mulheres, nesse caso as mulheres negras, seja possível propomos melhorias para “dores específicas”, evitando a perpetuação da invisibilização. “Enquanto cria uma ilusão de mudança, essa estratégia de inclusão simbólica máscara a continuação das políticas institucionais cotidianas” (Collins, 2017, p. 3).

De acordo com Collins (2017), o termo “oferece um vocabulário para abordar questões de gênero” (idem, p. 7) e excede ao feminismo branco, levando em

⁹ Artigo Núcleo de Gênero e Diversidade, 2022. Disponível em:
<https://wp.ufpel.edu.br/nugen/2022/04/18/mulheridades-nao-hegemonicas/>



consideração que o mesmo segrega as problemáticas vivenciadas pelas mulheres negras. “Esse uso do mulherismo evita uma questão central para muitas feministas brancas, ou seja, encontrar formas de promover a cooperação inter-racial entre as mulheres” (ibidem).

[...] Usar o mulherismo como um termo visionário para delinear uma visão ética ou ideal da humanidade para todas as pessoas. Identificar o potencial libertador no seio das comunidades de mulheres negras que emerge de experiências históricas concretas é bastante diferente de afirmar que as mulheres negras já chegaram a um ponto final e ideal “mulherista” (Collins, 2017, p. 11).

O debate acontece há alguns anos e perpassa as perspectivas da interseccionalidade, como por exemplo nos Seminário Diversidade Sexual, Relações de Gênero, Raça e Políticas Públicas da equipe do Centro De Referência Em Direitos Humanos, Relações De Gênero, Diversidade Sexual E Raça (CRDH/NUPSEX) da UFRGS.

A partir dessas reflexões e de algumas reverberações do seminário no ano de 2016, surgiu a proposta, portanto, de pensar na temática das “mulheridades”, articulada com esses diferentes marcadores sociais, de forma a também discutir o conceito e sujeito “mulher” sem essencializar ou tomar enquanto dado. Justamente, colocar em discussão a pluralidade que emerge dessa categoria. [...] Mulheres negras, trans, lésbicas, da periferia, que participam de ocupações, prostitutas, que vivem na rua e com deficiências, foram o foco deste seminário, o qual oportunizou a elas visibilidade, espaços de fala, compartilhamento de experiências e troca de saberes (Dell’aglio; Macedo; Cruz, 2020, p. 20 e 22).

1.3 A estereotipação das mulheres negras na mídia

Geralmente, a grande mídia brasileira, em especial a televisiva, comete o equívoco de reforçar alguns, ou todos, os estereótipos atribuídos às mulheres,



principalmente na maneira em que as descrevem. É indispensável o cuidado que se deve ter ao percebê-los. Principalmente porque “os estereótipos são práticas de representação e, portanto, adquirem sentido no interior dos contextos culturais, sociais e políticos em que são produzidos” (Candido; Júnior, 2019, p. 2). E no Jornalismo não é diferente, deve-se ter atenção redobrada em como produzimos os conteúdos, principalmente para evitar a perpetuação dos preconceitos.

Um jornalismo essencialmente preconceituoso pode criar vícios e costumes para uma vida inteira. De fato, a forma como as mulheres são abordadas por esse tipo de comunicação contribui - e muito - para a manutenção da discriminação de gênero na sociedade. Nem sempre o problema é necessariamente o conteúdo em si da matéria, mas o tratamento dado às mulheres que nela estiverem presentes ou sejam mencionadas. Afinal, vivemos em uma sociedade patriarcal e nela somos criados. Logo, é de se esperar que a comunicação produzida sob estas condições também reproduzam valores machistas, em diversos casos, até automaticamente (Olga, 2017a, p. 5).

Portanto, dependendo da maneira como as mulheres negras são descritas, o material jornalístico pode fortalecer e propagar uma visão limitada sobre elas. Infelizmente, na maioria das vezes, as personagens femininas são colocadas em uma posição de invisibilidade porque são resumidas a um senso comum, a uma pré-concepção generalista muitas vezes preconceituosa e sem fundamentação. E não ao que elas realmente representam.

A invisibilidade da mulher negra, grupo que representava em 2011 50,2 milhões de brasileiras (PNAD/IBGE), no âmbito social é reforçada na mídia, essa violência é consequência de uma sociedade racista. Sim, é o racismo agravado pelas questões de gênero que motivam os veículos responsáveis em transmitir informações, a não representem a metade do grupo feminino brasileiro, de maneira consciente e perversa (Santos *et al.* 2017, p. 1).



Isso ocorre, justamente, pelo fato de ainda estarmos inseridos em um país estruturalmente misógino e racista, que possui “conceitos, termos e expressões que reforçam e estruturam as práticas racistas” (Santos; Sales, 2018, p. 41). Esta distorção do que é ser mulher no Brasil não está restrita às matérias jornalísticas, acontece também nas obras de ficção, nas novelas, na literatura, na música e em diversas outras manifestações culturais. “[...] ao não verificarem as conexões entre raça e gênero, autores apreendem uma visão deturpada da realidade, que subestima as particularidades contextuais das mulheres negras” (Candido; Júnior, 2019, p. 2).

É perceptível que mesmo em novelas diferentes, algumas personagens são bem estereotipadas e os enredos se repetem. A exemplo das novelas “Xica da Silva” estreada no ano de 1996, na TV Manchete, e “Da Cor do Pecado” em 2008, na TV Globo, ambas marcadas por mensagens subliminares, hipersexualizando as personagens que são interpretadas por atrizes negras. [...] Para além da objetificação dos corpos negros femininos, as tramas reforçam também os lugares de subalternidade (Santos *et al.* 2017, p. 5).

Assim, a mídia pode propagar uma percepção errônea sobre as mulheres, em especial sobre as mulheres negras. Pois, “constantemente a mulher negra é noticiada e publicizada cometendo ou sofrendo ações delituosas, assim como objeto sexual, ou em lugar de subalternidade” (Santos *et al.* 2017, p. 5). Identificar e analisar essas generalizações praticadas pela mídia brasileira nos ajuda a não cometer os mesmos erros e a prestar atenção em situações equivocadas. Principalmente, porque conseguimos, após reflexões sobre comportamentos preconceituosos, observar atitudes que deveriam ser transformadas; e ao questioná-las, evitamos repeti-las.

No cinema brasileiro também percebemos que as representações de mulheres negras, seja por meio de estereótipos característicos ou não¹⁰, podem perpetuar uma

¹⁰ “Nem todas as representações recaem em estereótipos, o que nos leva à questão: o que é um estereótipo? Stuart Hall chama atenção para a distinção elaborada por Richard Dyer sobre “tipos” e “estereótipos”. Se de um lado os



imagem reduzida ou “como uma verdade universal e fixa” (Candido; Junior, 2019, p. 3). “Os estereótipos funcionam por meio de simplificações exageradas” (apud Stuart Hall, 1997, p. 258).

Apesar de ser um desafio, já que “em sociedades com desigualdades agudas a reprodução desses esquemas representativos tende a ser mais presente [...] Estereótipos não podem ser reduzidos à mera irrealdade: as experiências cotidianas das pessoas influenciam na formação de estereótipos, do mesmo modo que estes afetam as percepções e identidades” (Candido; Junior, 2019, p. 3).

A noção de que o cinema representa a realidade pode servir de base para justificar que a maioria dos personagens em situação de pobreza sejam negros, uma vez que estes são os mais atingidos por desigualdades sociais. No entanto, a representação de uma realidade não pode servir para ignorar as outras. A repetição de poucas características para grupos amplos da sociedade sugere mais a reprodução de preconceitos, do que uma correspondência clara com a população (Candido; Junior, 2019, p. 4).

1.5 Mulheres negras em movimentos sociais e político

Cabeça feita

*Fio a fio teço a cabeça
viajo pela ancestralidade
busco marcas do passado
Ontem e hoje trançam-se
traçando um novo destino
Faço a cabeça embelezo e*

“tipos” são caracterizações que ajudam as pessoas a darem significados ao mundo social, a partir de esquemas classificatórios gerais e não fixos, os estereótipos funcionam por meio de simplificações exageradas” (Candido; Júnior, 2019, p. 3 apud Stuart Hall, 1997, p. 258)



*remoço a vida teço nova
imagem de alteridade!*

Matilde Ribeiro

Ribeiro (2022, p. 2), inicia seu artigo “Mulheres negras em movimento: criações individuais e coletivas por vidas com dignidade e direitos” com o poema autoral acima. O texto resume o anseio em construir, em uma perspectiva pessoal, um futuro que foi decidido e idealizado por outras pessoas. A discussão do trabalho referencial é de como as mulheres negras resistem e vivem, sob a perspectiva do feminismo negro.

As mulheres negras buscam emancipação há anos, por meio de resistências cotidianas e estratégias para alcançar qualidade de vida e demandas afirmativas. “A luta pela igualdade, direitos e justiça vêm de longe, desde a exploração dos povos indígenas e da escravização da população negra” (Ribeiro, 2022, p. 5). A abolição da escravidão não garantiu dignidade de existência à população negra, portanto, há uma articulação antes, durante e após o período escravocrata.

Houve sim a libertação, mas às mulheres e aos homens ex-escravos/os não foi possibilitado o acesso à moradia, à terra, ao trabalho, à educação ou a qualquer condição que garantisse vida com qualidade e dignidade. Isso promoveu a perpetuação da desigualdade social e violência, até a atualidade (Ribeiro, 2022, p. 4).

No Brasil, “o movimento de mulheres negras tem sido um agente indutor de importantes mudanças na agenda política na luta contra o racismo, pelos direitos sexuais e reprodutivos, pela liberdade religiosa, contra a homofobia e a lesbofobia” (Canto, 2022, p. 3). E apesar de muitas lutas, divergências e dificuldades, segue com o caráter resistente, da mesma forma que iniciou.



Há registros de articulações das militantes negras, no país, desde 1930, como por exemplo a Frente Negra Brasileira (FNB - 1930/1940) e o Teatro Experimental do Negro (TEM - 1950/1970), o Movimento Negro Unificado (MNU - 1978), a Coordenação de Entidades Negras (CONEN), a Organização e Negros pela Igualdade (Unegro), entre outros diversos grupos, que surgiram no mesmo período (Ribeiro, 2022).

Todos esses movimentos abriam espaços para o diálogo, em âmbito regional e internacional, sobre as causas negras em encontros, palestras, seminários, eventos e manifestações pautadas em resistência e debate de temáticas importantes para a população negra. O recorte de gênero e raça foi essencial neste processo de ‘emancipação’.

A organização de mulheres negras, expressão do Feminismo Negro brasileiro, apresenta uma grande singularidade, na sua própria estrutura e na relação com o Movimento Negro e o Movimento Feminista, como disputa de tendências, de poder, por acesso a recursos, por visibilidade (Ribeiro, 2022, p. 6).

E como abordado anteriormente, o movimento feminista com perspectiva racial, no Brasil, ao considerar outros tipos de violência produz reflexões e reformulações aos direitos das mulheres. “Essa visão internacionalista está promovendo a diversificação das temáticas, com o desenvolvimento de novos acordos e associações e a ampliação da cooperação interétnica” (Carneiro, 2020, p. 3). Ou seja, esse movimento tem gerado repercussão para além do território nacional, por meio das discussões no meio digital, principalmente. “Além disso, é importante salientar que eventos internacionais de caráter regional ou mundial têm se mostrado importantes espaços para a visibilidade da agenda política das mulheres negras” (Canto, 2022, p. 10).

Essa intervenção internacional, em especial nas conferências mundiais convocadas pela ONU a partir da década de 1990, tem nos permitido ampliar o debate sobre a questão racial a nível nacional e internacional e



sensibilizar movimentos, governos e a ONU para a inclusão da perspectiva anti-racista e de respeito à diversidade em todos os seus temas (Carneiro, 2020, p. 4).

Reivindicações de pautas emancipatórias que consideram também, os recortes de classe, sexualidade, trabalho digno e saúde de qualidade, desta população precisam fazer parte da realidade de todas as mulheres negras, assim como conquistado pelas mulheres brancas. “Dentre os principais direitos conquistados pelas mulheres ao redor do mundo, podemos destacar o direito à educação formal, direitos políticos, autonomia legal, direitos trabalhistas (licença-maternidade remunerada) e direitos reprodutivos” (Vasconcelos *et al.*, 2021, p. 267).

É importante destacar que a saúde sexual e reprodutiva aparece como aspecto primordial na luta por direitos empreendida pelas mulheres negras desde o período colonial, mas ganha novo sentido a partir de meados da década de 1970. Isto porque se o controle da reprodução e da sexualidade se tornam imprescindíveis para as modernas formas de governo, o corpo das mulheres se torna o lugar privilegiado de disputas, sejam elas políticas, econômicas ou sociais (Canto, 2022, p. 11).

Ribeiro (2022, p. 6), apresenta um compilado de ações e movimentos independentes que ocorreram, em âmbito nacional, no período contemporâneo. “Uma das principais ações contemporâneas em âmbito nacional foi a Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida, realizada, em 20 de novembro de 1995, em Brasília.” (idem, p. 6). Nesta marcha, por exemplo, foi reivindicada a inserção da população negra nas políticas públicas. De acordo com a autora, a partir de 1992, as mulheres negras brasileiras integraram o I Encontro de Mulheres Negras Latinas e Caribenhas, em Santo Domingos/República Dominicana.

Em 2015, foi realizada a Marcha Nacional das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver com objetivo de denunciar como a sociedade brasileira e o Estado excluem, violam e negligenciam os



corpos negros, em especial os das mulheres negras. Aponta-se para um projeto de nação diferenciado do que vivemos, valorizando as múltiplas formas de resistência e as reivindicações pela vida plena – saúde, educação, arte, lazer, moradia (Ribeiro, 2022, p. 7).

Apesar das inúmeras tentativas de silenciamento e preconceitos sistemáticos “houve sempre enfrentamento e resistência das negras frente aos desmandos de uma sociedade erigida pela lógica racista, patriarcal e permeada por uma desigualdade social profunda” (Ribeiro, 2022, p. 8-9).

Não apenas no âmbito social e de políticas públicas, mas também na produção e composição acadêmica, da educação superior. Afinal, a participação na universidade produz consciência de outras perspectivas e gera o pensamento crítico dos cidadãos. “A ocupação dos espaços político-decisórios e do ambiente acadêmico, não tratados no presente, mas que atuam como meio contínuo de resistência e perseverança, na ocupação política de espaços” (Santos, 2020, p. 15)

Quando falamos sobre o meio acadêmico, estamos falando sobre a possibilidade de produção a partir de uma perspectiva alternativa, tornando o conhecimento produzido, diverso e abrangente, discutindo com novas facetas e teorias, rompendo com epistemologias centradas em perspectiva euro-norte-americana. A presença de mulheres negras nessa esfera, em particular no que diz respeito ao meio acadêmico no Brasil, constitui um ângulo determinante para a produção de teorias significativas e situadas (Idem, p. 16).

É importante que essas mulheres estejam ativamente presentes na construção de trabalhos acadêmicos, para que a base de estudos, principalmente, tenha o viés de quem vivenciou situações específicas. Ao reforçar a importância de cada grupo social, existe um protagonismo na contação de sua própria existência. Conseqüentemente, produções em âmbitos acadêmicos geram debate público e incentivam a repercussão dos movimentos sociais e políticos.



As atuações sistemáticas das mulheres negras nas questões de classe social, gênero e raça/etnia contribuem para a estruturação de instituições acadêmicas, políticas e sociais para o fortalecimento do movimento social e vice-versa, com isso provocam repercussão das lutas para a sociedade (Ribeiro, 2022, p. 15).

O Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades (NPGS) é um exemplo de produção de conhecimento com “o objetivo de socialização de conhecimento e fortalecimento de parcerias acadêmicas, visando a promover ações para difundir o debate na área dos estudos de gênero, feminismos, sexualidades, enfrentamento à violência contra a mulher [...]” (Ribeiro, 2022, p. 12). Ou “a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) como um importante passo para a Educação Superior e produção acadêmica afro-brasileira, africana e diaspórica” (Ribeiro, 2022, p. 9).

A produção nas universidades públicas sobre gênero e raça/etnia com perspectiva feminista negra e antirracista tem sido crescente, comumente com o desenvolvimento de grupos de estudos, pesquisa e extensão universitária, por iniciativas das/os docentes (ibidem).

Mas ainda há muito a avançar. “As redes, grupos, núcleos e serviços têm vida ativa, porém carecem de maior apoio estrutural e financeiro no que diz respeito à garantia de bolsistas, apoio a colaboradores e registros de experiências” (Ribeiro, 2022, p. 14).]

São muitas as conquistas, mas os desafios são múltiplos: o cumprimento da missão de interiorização e internacionalização; a prática intensa da democratização da gestão; o atendimento às demandas de equidade entre os gêneros, étnico-raciais e LGBTQIA+ no cotidiano da universidade [...] as mulheres negras [...], vão trançando e traçando novos destinos” (ibidem).



O movimento negro no Brasil é crescente, diverso e potente. E é constituído por mulheres que vivenciam as mazelas de uma sociedade desigual, misógina e racista. Resistem a opressões sociais, estruturais e financeiras. Ainda sim, seguem organizando-se e constituindo novas estratégias de revolução.

Nós mulheres negras reagimos historicamente às opressões sofridas. Nos organizamos de diversas formas autônomas e institucionalizadas, junto à movimentos sociais como o movimento feminista negro e ao movimento negro, próximas à partidos políticos e buscando ocupar a tomada de decisão e os espaços de produção do conhecimento. Rompendo com a hegemonia de alguns movimentos, construindo o feminismo e registrando a nossa história factualmente (Santos, 2022, p. 17).

1.6 Perfil Jornalístico

Vilas Boas (2014)¹¹ e Coimbra (1993), compõem a bibliografia deste item. Desde o pré-projeto foi importante entender o processo de construção de perfis jornalísticos para traçar o que os autores definem como 'Perfil'.

Deve ser chamado de perfil o texto que enfoca uma personagem, protagonista de uma história (a de sua própria vida) [...] Entre elas, a descrição, através da observação direta, para que “ao longo de um texto de perfil, seja ele extenso ou curto, diferentes tragos, qualidades e características são atribuídos a uma personagem. A personagem é, diz-se em teoria narrativa, caracterizada (Coimbra, 1993, p. 103).

¹¹ A ARTE DO PERFIL, ensaio publicado no livro: [Perfis – o Mundo dos Outros](#) (impresso), [Perfis – o Mundo dos Outros](#) (e-book) - 3ª edição revista e ampliada, Manole, 2014, pp. 271-287; [Vilas-Boas, Sergio](#). Disponível em: <https://sergiovilasboas.com.br/jornalismo/a-arte-do-perfil/>. Acesso em: 23 set. 2023.



Deste modo, o Perfil Jornalístico é construído a partir da história de vida de uma fonte escolhida pelo/a autor/a, denominada personagem. Nesse sentido, as entrevistadas do *podcast* foram convidadas a contarem suas histórias, e a partir disso, foi desenvolvido uma apuração e descrição de suas características físicas, emocionais, interesses pessoais e sua posição social. Esse conceito ganhou destaque no surgimento do *New Journalism* por meio do novo Jornalismo Narrativo (Vilas-Boas, 2014).

É necessário, portanto, imergir na vida e costumes da/o entrevistada/o, entrar em seu mundo particular e profissional e adquirir a capacidade de descrevê-lo a partir da observação direta e da escuta atenta. Ao mesmo tempo, é imprescindível tomar muito cuidado para não reduzir a narrativa às próprias interpretações do/a entrevistador/a. É importante, ainda, oferecer ao/a leitor/a, ou ouvinte em caso de *podcasting*, detalhes suficientes para que eles ou elas tirem suas próprias conclusões a partir do que ouvirem sobre a personagem.

Vilas-Boas (2014), indica a importância de não reduzirmos as fontes-personagens às primeiras impressões ou atribuir a elas características totalizantes. “O primeiro passo para humanizar é fugir do ideal da perfeição e evitar maniqueísmos. Uma pessoa não é isto *ou* aquilo. Ela é isto, aquilo, aquilo outro e mais um milhão de *istos* e *aquilos* totalmente imprevisos” (Vilas-Boas, 2014, p.3).

Os perfis cumprem um papel importante, que é exatamente gerar empatia no leitor. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias do outro; compartilhar as alegrias e tristezas do outro; imaginar as situações do ponto de vista do outro (Vilas-Boas, 2014, p. 3).



O intuito da construção de perfilado é focar em uma personagem, apresentando-a como protagonista de sua própria vida e a partir da descrição de suas características, ações e reações atribuídas (Coimbra, 1993). “Tal conjunto poderá induzir o leitor a concluir que esta pessoa tem um determinado tipo de caráter e de temperamento” (idem, p. 117). E desta forma, nos momentos do *podcast* onde elas tinham respostas diferentes em torno do debate, o objetivo é que os ouvintes concluam sobre os assuntos tratados e os posicionamentos apresentados ao longo dos episódios.

Mas, ao mesmo tempo, “difícilmente o perfil jornalístico conterà conclusões definitivas e categóricas de seu autor sobre o caráter e o temperamento do protagonista” (idem, p. 118). Portanto, é importante utilizar as informações descritas para que o/a leitor/a decida o que interpretará disto. “O mais comum (o mais prudente e, talvez, o mais ético) é, como dissemos, que o texto reúna uma série de informações (aponte uma série de indícios) que poderão levar o leitor a tirar suas próprias conclusões a respeito” (Coimbra, 1993, p. 118).

Uma reflexão fundamental abordada por Coimbra (1993), diz respeito ao confronto entre diferentes visões de mundo, captados após análises de diversos perfis. O autor indica que conflitos entre diferentes pontos de vista ocorrem “porque uma sociedade não produz uma única forma de ver a realidade [...] Como a sociedade é dividida pelos interesses antagônicos dos diferentes grupos sociais, produz ideias contrárias entre si. [...] por isso, constroem-se nessa sociedade textos que fazem pronunciamentos antagônicos com relação aos mesmos dados da realidade” (Coimbra, 1993, p. 146). O que não foi diferente no *podcast* produzido, visto que as personagens tinham pontos de vista diferentes.

Tais leituras me proporcionaram a observação crítica e sensível, evidenciando que o “como fazer” resulta significativamente no resultado final de uma produção com



viés humanizado. Isso porque, as decisões tomadas e as reflexões sobre como abordar, destrinchar e relatar os assuntos trazidos para o *podcast*, garantiu ao longo de todos os episódios o respeito à particularidade de cada fonte-personagem.

1.7 *Podcast* como meio e Documentário Radiofônico como estratégia imersiva

A linguagem radiofônica passou por várias mudanças e com a chegada das novas tecnologias o seu formato recebeu atualizações. “Com a entrada na *web*, a linguagem radiofônica processa novos diálogos metalinguísticos para criar outros constituintes, exigidos pela condição de convergência da plataforma” (José, 2017, p. 03).

Os programas são na verdade arquivos digitais de áudio (*podcasts*), que podem ser de gêneros e formatos diversificados. São armazenados em sites que os distribuem por meio da tecnologia feed RSS (*Really Simple Syndication*) para aplicativos e plataformas de *streaming* (transmissão de dados digitais via internet que podem ser *on-demand* ou *live streaming*) (Silva e Oliveira, 2020, p.184).

O jornalismo de áudio está presente nas radiodifusões desde o final do século XX, com o renomado rádio jornal Repórter Esso, que estreou em 1941, marco do radiojornalismo brasileiro. Esse gênero jornalístico passou por diversas modificações ao longo dos anos, até chegar no que se conhece hoje, com diversos formatos, incluindo Rádio jornal, Documentário Radiofônico, *podcast*, entre outros.

Há produções que parecem oscilar entre ficcionais e de não-ficção em decorrência de sua estrutura e das sensações que causam no ouvinte. Muitas delas estão ancoradas em proporcionar experiências imersivas, incluindo aqui as produções jornalísticas (Viana, 2021, p.2).



Utilizar o áudio como ferramenta de difusão nos permite trazer, naturalmente, o ouvinte para dentro da história. “Consideramos, então, o áudio um formato imersivo por essência, mas pode ter essa característica intensificada a depender da estrutura do conteúdo.” (Viana, 2021, p. 5). Pensando nisso, nós como jornalistas, podemos explorar e ir além das técnicas convencionais, a fim de encontrarmos mais meios de deter a atenção de quem está acompanhando o *podcast*.

O *podcast* se apropria de estratégias imersivas já utilizadas pelo rádio tradicional enquanto lança mão dos recursos proporcionados pelas plataformas digitais [...] com as novas tecnologias, outras estratégias são desenvolvidas para somar forças na atratividade do conteúdo sonoro. Nesse contexto, novas tecnologias surgem para revolucionar a maneira de se produzir áudio, bem como a experiência dos ouvintes, enquanto outras mais antigas se sofisticam. (Viana, 2021, p. 7)

O *podcast*, por sua vez, tem como principais características a narração, o diálogo e a construção ficcional (Viana, 2021, p. 1). Além disso, contém a utilização de ferramentas que proporcionam a montagem dos cenários e situações narradas. Mas se desenvolveu a partir do surgimento da tecnologia e da internet (Padilha, 2020, p. 5).

O *podcast* se apropria de estratégias imersivas já utilizadas pelo rádio tradicional enquanto lança mão dos recursos proporcionados pelas plataformas digitais [...] com as novas tecnologias, outras estratégias são desenvolvidas para somar forças na atratividade do conteúdo sonoro. Nesse contexto, novas tecnologias surgem para revolucionar a maneira de se produzir áudio, bem como a experiência dos ouvintes, enquanto outras mais antigas se sofisticam (Viana, 2021, p. 7).

Já o documentário radiofônico utiliza as técnicas e dinâmicas do rádio convencional, com o uso da locução verbal-oral e de sonoras, agora com “o documentário radiofônico descobriu o uso da sonoplastia (trilhas e efeitos sonoros) para



compor a paisagem sonora dos textos locutados. O documentário explora o ambiente literário e livre, constitui cenários particulares e envolve o ouvinte com uma estrutura pessoal e expressiva e a compreensão conceitual deste gênero ofereceu reflexões e orientações durante o processo de construção do *podcast* “Elas no Movimento”.

Então, o documentário, como gênero que complexificou a reportagem, transforma o tema ou o assunto numa questão, isto é, problematiza as afirmações ou as negações que já aparecem como generalidades fechadas; cada aspecto do tema pode ser tratado como hipótese, como possibilidade que questiona algum argumento, ou parte dele, que se apresenta fragilizado como constituinte da generalidade em virtude de mudanças no próprio fenômeno do qual o fato, e mesmo a generalidade, são apenas parte dele (José, 2017, p. 7).

O *podcast* com a utilização de estratégias advindas do documentário radiofônico proporciona uma experiência ainda mais imersiva, envolvente e que explora a profundidade. “A humanização, as histórias de vida e a potencialização do *storytelling*, principalmente através de conteúdos não ficcionais, estão entre as perspectivas mais consolidadas da segunda onda do *podcast*” (Lopez; Viana; Avelar; p. 4 ,2022). Além de utilizar, também, ferramentas sonoras e tecnológicas: “o *podcast* chegou para dar novo fôlego ao jornalismo quando explora o potencial da mídia sonora no ambiente online” (Zimmermann & Zuculoto, 2021, p. 7).

Utilizar o áudio como ferramenta de difusão nos permite trazer, naturalmente, o ouvinte para dentro da história. “Consideramos, então, o áudio um formato imersivo por essência, mas pode ter essa característica intensificada a depender da estrutura do conteúdo” (Viana, 2021, p. 5). Pensando nisso, nós como jornalistas, podemos explorar e ir além das técnicas convencionais, a fim de encontrarmos mais meios de deter a atenção de quem está acompanhando o *podcast*.



De acordo com os autores citados por José (2017), a reportagem, em especial a grande reportagem, explora assuntos da realidade de forma a retratá-los e aprofundá-los, podendo ser caracterizada como documentário. “[...] o documentário, como gênero que complexifica a reportagem, transforma o tema ou o assunto numa questão, isto é, problematiza as afirmações ou as negações que já aparecem como generalidades fechadas” (José, 2017, p. 07).

O modo em mosaico de associação entre as sonoras revela também “a pluralidade das versões do vivido”, opondo ou complementando vozes que revelam um presente com contradições, porque todas as narrativas orais giram em torno do mesmo tema e assim as distinções que aparecem nelas revelam os diferentes modos de viver, isto é, os diferentes modos como o tema foi vivido como experiência, pelos depoentes; como referência, pelas autoridades; como conceito, pelos especialistas (José, 2017, p. 10).

José (2017), indica exemplos do modo de produção de documentários desviantes, que exploram a possibilidade de produzir diversos efeitos sonoros, diferentes construções de narrativa, maneiras de apresentação do tema, entre outros, por meio da edição e adaptação no roteiro.

o documentário biográfico (vida e obra de personalidades) também pode receber tratamentos diversificados de roteiro: o mais tradicional é a distribuição nos blocos de uma boa entrevista com a própria personalidade, seguida da apresentação de seus mais importantes trabalhos; ou então uma boa entrevista com aqueles que estiveram próximos da personalidade, durante a realização da obra; ou, ainda, uma velha entrevista arquivada que pode ser reeditada e simular um novo encontro [...] (idem, p. 13).

A linguagem radiofônica apresenta características “que possibilitam a recriação de cenários e o ‘transporte’ do ouvinte ao palco dos acontecimentos” (Lopez; Freire, 2011, 136). Isso acontece, também, com a utilização dos efeitos e da sonoplastia, que



potencializa o efeito de imersividade. “É preciso observar as funções expressivas do meio, buscando reconstruir os espaços e acontecimentos de maneira eficaz” (idem, 137).

Levando em consideração que os sons captados podem gerar diferentes interpretações e efeitos individuais, podemos utilizar sons e ruídos, intencionalmente, para construir cenários possíveis de serem identificados. “Isso porque ao redesenhamos um espaço é preciso incorporar suas marcas para apresentar referências aos ouvintes que permitam identificar esses cenários” (Lopez; Freire, 2011, 136). “Na construção de cenários sonoros é importante ter em mente três elementos: a trilha, a entonação e os efeitos e/ou sons ambiente” (Lopez; Freire, 2011, 137). A entonação, por exemplo, pode contribuir para a aproximação e compreensão da mensagem transmitida (idem, 138). Ou também em qual sentido a notícia deve ser compreendida.

Os elementos sonoros, em especial os efeitos sonoros e as trilhas, cumprem quatro funções fundamentais na linguagem radiofônica: funções expressivas, ambiental ou descritiva, narrativa e ornamental. A primeira função (expressiva) trabalha com a estratégia de “utilizar o som como metáfora, através de relações e remissões que acionam a memória imediata ou a longo prazo do ouvinte, para informar, aproximar e contextualizar o fato noticiado” (Lopez; Freire, 2011, 139). A ambiental ou descritiva cria uma “representação literal do cenário, com sons do ambiente e áudios que busquem redesenhar o palco dos acontecimentos de maneira fidedigna” (idem, 139). A narrativa exerce função de conector, os efeitos utilizados são o que ligam toda a narrativa. A última função (ornamental) “parece como uma ilustração na produção, sem cumprir um papel informativo ou coesivo. Este é o único dos casos em que o som poderia ser substituído por outro sem haver prejuízo para a compreensão da informação transmitida” (idem, 139).



1.8 Jornalismo humanizado: Estratégias de Imersividade em Narrativas Sonoras

Ijuim (2014), se debruça nos estudos do Humanismo Clássico e o Humanismo Universalista para construir sua compreensão sobre a humanização do jornalismo. Principalmente do ponto de vista de que o ser humano é, ou deveria ser, o ponto de partida das produções jornalísticas. Considerando, inclusive, em considerar nossas fontes-personagens em primeiro plano. “O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista” (Ijuim, 2014, p. 13).

O entendimento de Ijuim (2014) sobre o Humanismo Clássico oferece embasamento para a definição de uma das principais características do jornalismo humanizado – a pessoa como foco da matéria.

Para superar a dor e o sofrimento, em particular suas causas, vislumbra-se uma atitude humanista que respeite e considere posições humanistas de diferentes culturas, como: ter o ser humano como o centro das preocupações; afirmação da igualdade de todos os seres humanos; reconhecimento da diversidade pessoal e cultural; tendência a desenvolver o conhecimento além do que é aceito como verdade absoluta; afirmação da liberdade de idéias e crenças; e repúdio à violência (Ijuim, 2014, p. 6).

Ijuim (2014) analisa que a estrutura noticiosa de algumas empresas jornalísticas demonstram a desumanização de suas produções como o reflexo da dinâmica social - que é desigual, preconceituosa, intolerante e violenta. “Por um lado, pode-se inferir que estes órgãos de imprensa publicam matérias desta forma porque há parcela expressiva da sociedade que pensa desta forma” (Ijuim, 2014, p. 10).



O comportamento da repórter revela sua preocupação desde a pauta. Não queria ficar exclusivamente nas políticas sociais e nas estatísticas que tais projetos tenham proporcionado. Escolheu uma família que tivesse vivido transformações e que pudessem ser sentidas, desde a situação de desemprego do seu patriarca, Hustene, em 2002, até o estado de maior conforto que a família desfrutava em finais de 2010. [...] Humanizam não só porque Eliane eleva a família como à condição de personagem, mas porque não faz julgamentos, respeita a diversidade, não trata com preconceito nem as ações de governo ali tratadas, nem dos personagens que descreveu (Ijuim, 2014, p. 13).

Para ele, o compromisso das/dos jornalistas deveria ser antes da produção de fato. O jornalista deveria estar comprometido com o humano, encarar outras realidades e esvaziar-se de si, para que assim, não coloque no outro conceitos determinantes e carregados de preconceitos.

Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. [...] Assim, seu trabalho respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de prejulgamentos, de preconceitos e estereótipos. Daí, sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador (Ijuim, 2014, p. 14).

O jornalista consciente busca produzir um trabalho que “produz a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto de conhecimento, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo” (Ijuim, 2014, p. 14).

O jornalismo humanizado, portanto, não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens. Mais que isso, busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado (Alves; Sebrian, 2008, p. 2).



Desta forma, o desafio do jornalista, que busca seguir os princípios de um jornalismo humanizado, é se desvencilhar de pré-conceitos que estão enraizados – e por muitas vezes nem percebidos – para ouvir e contar sobre suas fontes em sua mais pura essência. Ir de encontro com o que elas. Nesse sentido, estes conceitos norteiam a maneira com que as entrevistas foram conduzidas, como o roteiro foi montado e até mesmo nas impressões individuais sobre todos os assuntos abordados durante a produção do *podcast*.

De acordo com o relatório *DataReportal 2023*¹², o Brasil possuía, no início do ano de 2023, 181,8 milhões de usuários de internet, correspondentes a 84,3% da população total do país. Destes, 42,9%, com idade entre 16 e 64 anos, escutam *podcast* toda semana. Uma projeção da *eMarketer*¹³ indica que a marca de ouvintes de *podcasts* pode chegar a meio milhão em 2024 e que o Brasil figura na lista dos maiores usuários e produtores deste formato de narrativa sonora do mundo. Portanto, a produção e o consumo de *podcasts* em formato narrativo, que contam histórias de pessoas reais, tem crescido nos últimos anos, no Brasil.

No amplo contexto desses conteúdos em áudio cada vez mais presente no cotidiano de uma camada expressiva da população brasileira, sobretudo na rotina de jovens e pessoas com índices de escolaridade entre a graduação e a pós-graduação (ABPOD, 2019), encontram-se os *Podcasts* narrativos (Silva, 2021, p.11).

Silva (2021), registra que a produção sonora exige a produção de estratégias comunicacionais e que a imersividade é uma das características marcantes dos *podcasts* narrativos. Segundo o autor, este recurso é uma das possibilidades de conseguir uma conexão mais aprofundada entre história/conteúdo e o/a ouvinte/leitor/a,

¹² Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil> - acesso em setembro de 2023.

¹³ Disponível em: <https://www.insiderintelligence.com/content/making-case-investing-audio-ads-2024> - acesso em setembro de 2023.



pois os dispositivos tecnológicos podem potencializar a imersividade e ela pode trabalhar para transportar a/o ouvinte para o ambiente/local onde se passa a narrativa (Silva, 2021).

Ainda, é válido pontuar, que “a imersividade proporcionada pelos elementos da linguagem radiofônica cria vínculos entre a estrutura do audiodrama e o ouvinte-leitor” (Silva, 2021, p.11), podendo ser utilizada por alguns trabalhos para criar identificação, proximidade, descrição minuciosa, aprofundamento da temática, entre outros efeitos de conexão, como o emocional, sensorial, cognitivo.

A presença da estrutura narrativa em todos os elementos básicos da humanidade, permite uma conexão com a história, além de deixá-la mais inteligível para a compreensão quando ordenada de maneira que possibilita inferências sobre a história, e a leva para além da obra (Silva, 2021, p. 32)

A utilização de estratégias imersivas pode ser, de acordo com Silva (2021) baseada na “humanização, na condução emocional da história, no uso de sonoras, na ambientação e na fala do jornalista/apresentador” (Silva, 2021, p. 38).

A ‘humanização’, segundo Viana (2020), faz parte do que caracteriza a narrativa radiofônica, e é uma das estratégias de ‘proximidade’ com o ouvinte; [...] a utilização de sonoras contextualiza o ouvinte e proporciona veracidade à história. [...] A ‘ambientação’ (VIANA, 2020) é proporcionada através da sonoplastia, e é a maneira de inserir o ouvinte-leitor no ambiente da cena, para aproximar sua imaginação ao que se passa na história. [...] A ‘fala do jornalista/apresentado’ (VIANA, 2020) é o que permite a conexão com o ouvinte-leitor, em especial ao ‘falar em primeira pessoa’, pois estabelece ‘laços de diálogo [...]’ (Silva, 2021, p. 39).



2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Desde o Pré-projeto até este Relatório Final, o presente trabalho passou por uma série de adequações na produção teórica e prática. Inicialmente, o *podcast* tinha como objetivo, tão somente, entrevistar mulheres negras e abrir espaço para que elas contassem sobre suas trajetórias de vida. Após alguns meses realizando levantamento teórico, e após conversa decisiva com a professora doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, Daniela Giovana Siqueira, sobre as diversas discussões que permeiam as mulheres negras – levando em consideração recortes de classe, sexualidade, gênero, etc. -, foi decidido um novo viés: contar as histórias de mulheres negras que participam ativamente de movimentos sociais e políticos na capital de MS. Foram entrevistadas três mulheres negras, ativas em diferentes movimentos sociais em Campo Grande/MS, Jéssica Rabelo, criadora do Com Ciência; Ladielly de Souza, assessora parlamentar da Deputada federal Camila Jara; Romilda Pizza, coordenadora do Fórum Permanente das Entidades do Movimento Negro do MS (FPEMN/MS).

Como mencionado anteriormente, as leituras teóricas continuaram durante toda a produção para aprimorar a compreensão sobre os recortes temáticos de gênero, raça e movimentos sociais, que são, por si só, temas vastos, complexos e cheios de nuances. Em especial, com o intuito de compreender com maior profundidade as ações de mulheres negras que se encontram na linha de frente do enfrentamento ao racismo e na luta pela dignidade da população negra.

2.1 Execução



Em um primeiro momento, as fontes **entrevistadas (1)** foram selecionadas e, após os convites, o **aporte teórico (2)** foi complementado, compreendendo a atuação das fontes-personagens em movimentos sociais e políticos. Após a finalização de todas as entrevistas, foi realizada a **decupagem (3)** das entrevistas gravadas – a decupagem foi a que mais demandou tempo dentre as outras etapas do processo de execução, justamente pela longa duração de cada entrevista (em média 1h cada uma). A **edição (4)** e o **roteiro (5)** foram produzidos simultaneamente, juntamente com a minha locução, tendo minha voz apenas como complemento ou contextualização do tema tratado. Para a **Identidade Visual (6)** das capas dos episódios para a plataforma de áudio Spotify, foi realizado pela ilustradora digital e estudante de Jornalismo da UFMS, Victória Amorim, e com auxílio de direção de arte por mim.

2.1.2 Fontes, personagens, escolha das fontes

Conheci Jessika Rabello, Iêda Leal e Romilda Pizani no evento promovido pela coordenação estadual do Movimento Negro Unificado (MNU), “Aquilombar para resistir”, em 17 de novembro de 2022. Este mesmo mês é considerado o mês da Consciência Negra e, por isso, o MNU promoveu uma programação com rodas de conversa, saraus e demais eventos voltados para a discussão em torno da dignidade e o aquilombamento¹⁴ da população negra de MS. Ladielly de Souza, conheci na mesma época, na campanha da Camila Jara em outubro de 2022.

A partir deste primeiro contato, realizei uma breve pesquisa nas redes sociais para encontrar mais alguns nomes representativos do movimento negro de Campo Grande, dentre eles, Eugênia Portela, doutora em Educação na Universidade Federal

¹⁴ “A prática do aquilombamento é atravessada pelo princípio filosófico africano *Sankofa*, uma vez que diz respeito a acessar um legado fundado no início da experiência diaspórica, adaptá-lo às condições do presente e, com isso, criar a possibilidade de futuros pluriversais [...] Ou seja, aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político” (SOUTO, 2020).



de São Carlos (UFSCar). Alguns critérios foram determinantes no momento da escolha de quem seria escolhida: a) participação em mais de um projeto/ação política e social, b) atuação em diferentes vertentes de movimentos sociais (diferentes partidos políticos e áreas profissionais), c) e ser residente da cidade de Campo Grande.

Iêda Leal, coordenadora nacional do MNU - atualmente residente de Brasília-DF e Eugênia Portela não participaram pois, inicialmente, Iêda respondeu às primeiras mensagens, mas no momento de agendar uma entrevista, ela não retornou às demais tentativas de contato. Por fim, Jessika, Ladielly e Romilda foram entrevistadas para o *podcast*.

Após delimitar as fontes-personagens foi realizada uma pesquisa aprofundada sobre as temáticas presentes nessas histórias e o enquadramento do *podcast*, ou seja, mulheridades negras que participam de movimentos sociais e políticos em Campo Grande/MS. Após a pesquisa realizada sobre cada uma das fontes, chegou-se ao seguinte cenário:

- Jessika Rabello, idealizadora do movimento político suprapartidário 'Com Ciência'; aliada do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL);
- Ladielly de Souza, assessora parlamentar da deputada-federal Camila Jara (PT) e participante em movimentos sociais com recortes de raça e gênero: Projeto “sementes de proteção” defesa dos direitos humanos; co-fundadora do movimento “Elas Podem” e co-fundadora do coletivo Geni;
- Romilda Pizani, coordenadora do Fórum Permanente das Entidades do Movimento Negro MS (FPEMN/MS); coordenadora do Fórum Municipal de Cultura CG/MS; representante da Conen – Coletivo de Entidades Negras; filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT); coordenadora do coletivo municipal de mulheres do Partido dos Trabalhadores de Campo Grande.



No âmbito das entrevistas, o tempo de duração de cada gravação variou entre 20 minutos a 1 hora e meia, resultando na produção de 34 páginas de decupagem/descrição das três entrevistadas. As entrevistas foram transcritas em um documento word, em especial as falas mais importantes, porém, em alguns momentos algumas histórias descritas pelas fontes foram contextualizadas/resumidas (FIGURAS 6 e 7).

Todas as entrevistas foram presenciais e em diferentes espaços:

- Jessika Rabello, por exemplo, realizamos ao todo, 2 encontros na casa de nossa amiga em comum (FIGURA 1), em momentos em que ela tinha disponibilidade - uma aconteceu em um sábado à tarde e outra em uma quarta-feira à noite.
- Entrevistei a Ladielly de Souza duas vezes na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Um dia no estúdio de rádio (FIGURA 2) e no outro em um espaço aberto do campus e uma última vez via google meet.
- Todos os encontros com a Romilda Pizani foram em seu trabalho, na Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FIGURA 3), ao todo me desloquei em quatro dias diferentes até lá.



Figura 1 - Entrevista presencial com Jessica | Foto: Isabella Procópio, 2023.



Figura 2 - Entrevista no estúdio de rádio da UFMS com Ladielly | Foto: Lara Bellini, 2023.



Figura 3 - Entrevista com Romilda Pizani na Fundação de Cultura MS | Foto: Bruno Mateus Soares da Silva, 2023.

Para a condução das entrevistas gravadas foram utilizadas técnicas de observação direta e produção de texto perfilado, levando em consideração as orientações citadas por Vilas-Boas (2017)¹⁵. Como por exemplo, a necessidade de observar e anotar, no momento da entrevista, algumas impressões que ocorreram durante a conversa, uma vez que, neste momento é possível captar detalhes relevantes para a produção final. Outras orientações foram consideradas, como “Preste atenção no verbal e no não verbal. Até o silêncio diz muito” (Vilas-Boas, 2018, p. 10).

¹⁵ Ensaio do livro “Perfis – o Mundo dos Outros”. Disponível em: sergiovilasboas.com.br/jornalismo/a-arte-do-perfil/ - acesso em 23 de março de 2023.



Nesse sentido, este exercício auxiliou na apreensão das características emocionais e psicológicas das personagens, orientando também posteriormente no momento da separação das sonoras e montagem do *podcast*. Em outras palavras, ao conhecê-las por meio do que diziam e do que foi observado, foi possível perceber singularidades e diferenças entre elas, a fim de montar uma ligação comunicacional durante toda a edição.

A dinâmica de estar atenta às expressões e gestos, no silêncio e nas palavras das personagens, possibilitou também não utilizar o roteiro de perguntas como uma ‘camisa de força’ ou como a única possibilidade de caminho para a condução das entrevistas. “Valorize o que ocorreu em seus encontros com a(s) pessoa(s)” (Vilas-Boas, 2014, p. 10). Assim, singularidades e complexidades foram captadas em cada encontro com as fontes-personagens. “Cada encontro é tão singular quanto decisivo” (Vilas-Boas, 2014, p. 7).

As diversas orientações de Vilas-Boas (2014) foram cruciais para superar alguns desafios que surgiram durante as entrevistas gravadas, como por exemplo: estar atenta ao roteiro planejado anteriormente, às respostas inesperadas e à formulação de novas questões - com o objetivo de trilhar novos caminhos juntamente com as fontes, esta prática foi enriquecedora em níveis pessoais e profissionais. Porém, principalmente devido às dificuldades com o tempo e às intenções do *podcast* apresentado aqui, não foi possível construir um perfil completo para cada uma delas, pois, assim como indica os autores debruçados, Vilas-Boas (2014) e Coimbra (1993), um texto jornalístico de perfil aborda todos os âmbitos e característica do perfilado.

A cada encontro, um roteiro de perguntas foi elaborado e, muitas vezes, algumas perguntas inicialmente propostas deixavam de ser feitas, justamente com o redirecionamento de algumas pautas, dependendo das respostas das fontes. De



qualquer forma, foram planejadas questões que incentivassem as fontes a relatarem suas histórias pessoais, e como suas trajetórias as levaram, de alguma forma, à atuação e ao envolvimento pessoal com os movimentos sociais e políticos com o foco na luta anti-racista. As perguntas usadas para a pré-entrevista (FIGURA 4) foram aproveitadas na primeira entrevista gravada e serviram para abordar o início de seus envolvimento com a militância política: “Quais foram suas motivações ao iniciarem nesses movimentos e o que as fazem continuar lutando por questões emancipatórias?”

— ROTEIRO DE PERGUNTAS **PRÉ-ENTREVISTA:**

- Como você gostaria de ser compreendida?
- Conte sua história
- O que te enche os olhos?
- Qual sua relação com a luta antirracista e antimachista?
- Como foi sua iniciação com movimentos sociais / políticos?
- O que te faz continuar lutando pelas causas que está envolvida?

Figura 4 - Roteiro de perguntas previsto para a pré-entrevista | Fonte: produção da autora, 2023.

A primeira pergunta tinha como objetivo evitar que alguma definição ou descrição equivocada fosse atribuída a elas, preocupada com o reforço de estereótipos e caracterização totalizante e desproporcional. Esta pergunta não foi mencionada durante as entrevistas gravadas, auxiliando apenas no início da condução da produção. A condução da primeira entrevista gravada seguiu como base as seguintes perguntas (FIGURA 5):



1ª ENTREVISTA | 05.04

Descolonizada - Larissa Luz

Roteiro de perguntas:

- Me conta sua história - sua infância, adolescência até a chegada adulta
- O que te enche os olhos?
- Como foi sua iniciação com movimentos sociais / políticos? O que você já presenciou? **como isso te atravessa.**
- O que te faz continuar na luta e nos movimentos sociais, todos os dias?
- Como você enxerga o movimento negro em Campo Grande

Figura 5 - Roteiro de perguntas planejado para a entrevista | Fonte: produção da autora, 2023.

A imagem acima, em específico, foi retirada do documento produzido para a entrevista com Ladielly. É importante mencionar, ainda, a solicitação, em alguns encontros, de indicações musicais que traduzissem os sentimentos e impressões da entrevistada durante a entrevista. Para que, pensando na montagem do *podcast*, pudesse utilizar uma sonoridade acessada durante as conversas. Neste caso, as músicas utilizadas foram: no primeiro episódio, “Povoada” interpretada e composta por Sued Nunes; no segundo episódio, “A Mulher do Fim do Mundo” composta por Alice Coutinho, Romulo Fróes e interpretada por Elza Soares e, por fim, no terceiro e último episódio, a música “Trilha Triste Louca Ou Má” interpretada pela banda Francisco, El hombre Francisco, el Hombre, Helena Maria, Labaq, Renata Éssis, Salma Jô e Escrita por Andrei Martinez Kozyreff, Juliana Strassacapa, Mateo Piracés-Ugarte, Rafael Gomes, Sebastián Piracés-Ugarte, deu abertura e fechamento.

Durante as primeiras entrevistas gravadas, as fontes utilizaram cerca de sete minutos para responder às questões propostas, contrapondo o recurso de entrevista ping-pong. Esta estratégia foi realizada com o objetivo de expandir o espaço de debate e permitir a ocorrência de discussões mais aprofundadas sobre as temáticas abordadas/discutidas. A rotina de entrevistas e encontros presenciais garantiu a



aplicabilidade das técnicas do fazer jornalístico, e, apesar das entrevistas terem sido mais longas do que o habitual nas rotinas jornalísticas, as características da multifunção e da agilidade estiveram presentes em todo o processo de produção, como o manuseio dos microfones, a realização das perguntas e o gerenciamento do tempo máximo disponível para cada conversa.

Desde o momento de encaixe das disponibilidades até a entrevista de fato foi essencial manusear o microfone, fazer as perguntas e gerir o tempo máximo da conversa. Essa experiência possibilitou adquirir um maior conhecimento sobre os processos de apuração e produção das matérias jornalísticas, aproximando a teoria da vivência da rotina no mercado de trabalho. Todas essas práticas foram conduzidas apenas por mim, com exceção do auxílio das *stills*, feita pela Lara Bellini, Isabela Procópio e Ana Laura Menegat, que produziram imagens de bastidores durante algumas entrevistas.

As decupagens foram realizadas com o objetivo de assegurar o registro de todas as falas, e, conseqüentemente, garantir a visualização de todos os assuntos debatidos ao longo das conversas gravadas. Essa etapa, de fato, auxiliou a seleção dos conteúdos para a edição final do *podcast*, uma vez que reler os conteúdos dos áudios captados possibilitou lembrar de assuntos específicos que não poderiam ser deixados de fora dos episódios.



12m08 - O candomblé é coletivo, é das yabás, dentro do candomblé é coletivo; Se você não tem sua roupa pra vestir, todo mundo vai ajudar pra vc ter uma roupa. Sempre vai ter um que desponha. Mas eu sou coletiva.

13m26 - Em Campo Grande o candomblé é branco. As pessoas pretas estão dentro das igrejas evangélicas. *entre contextualização minha*
O candomblé me faz reconhecer a minha ancestralidade, mas não é o candomblé que me faz me enxergar como preta, nascer preta. O que me faz nascer preta é uma aula de história, na faculdade, que me faz ter um estalo aos 23 anos. Na minha concepção ser preta já bastava. [14m01s - 14m35s]

15m30
14m30s - FACULDADE professor de escola pública só faltava me dar a resposta. Eu aprendi a ler na faculdade e eu me descobri preta na faculdade. Mas eu fiquei à beira do negacionista, pois tinha que revisitar minhas dores. *primeira fala de Jessica no episódio 1* → 15m48s

16m03s: É tudo muito injusto porque a mulher preta é "forte, do caralho, ela é foda". Que nada! Eu quero ser fraca, ausente, não quero falar sobre. *ap com essa* → iniciar off

16m28: A minha coletividade me bateu [ruídos]

Prof regina: Eu te vejo em Brasília. Você é massa mas você é egoísta (porque não queria participar de movimento social. Não fala que eu sou egoísta) [ruídos] *comece a explicar*

17m17s: prof regina - Você não acha que está dentro de um "privilegio preto?"

[Aqui ela conta que a professora Regina, na faculdade, diz que vê potencial na Jessica e a vê em Brasília, lutando pelas causas da minoria, mas que a Jessica é egoísta por não querer pensar sobre e se arriscar nesse meio. Jessica conta que não queria pensar nisso pois acessaria uma parte dela de dor. Mas a indagação e provocação da professora a fez pensar sobre e encarar de frente esse medo. Ela se questiona "será que eu precisava levar todo mundo? será que era um fato?" mesmo com essa reflexão posta pela prof, ela não conseguia revisitar essas 'dores', apenas quando o Bolsonaro ganhou a eleição (19m06s)]

17m30s: Eu sai com o cérebro desse tamanho da faculdade "eu sou egoísta mesmo"

18m39s: "a minha existência não para ali" → como eu não sei lidar com esse gênero.

19m06s - 19m17s: "Mesmo assim eu não conseguia revisitar as dores." → dores - porque universidade p/ mine e

o áudio (1) - início: a partir do 05m02s: falar sobre minoria pública.

Figura 6 - Anotações na página de uma das entrevistas de Jessica Rabello | Fonte: produção da autora, 2023.

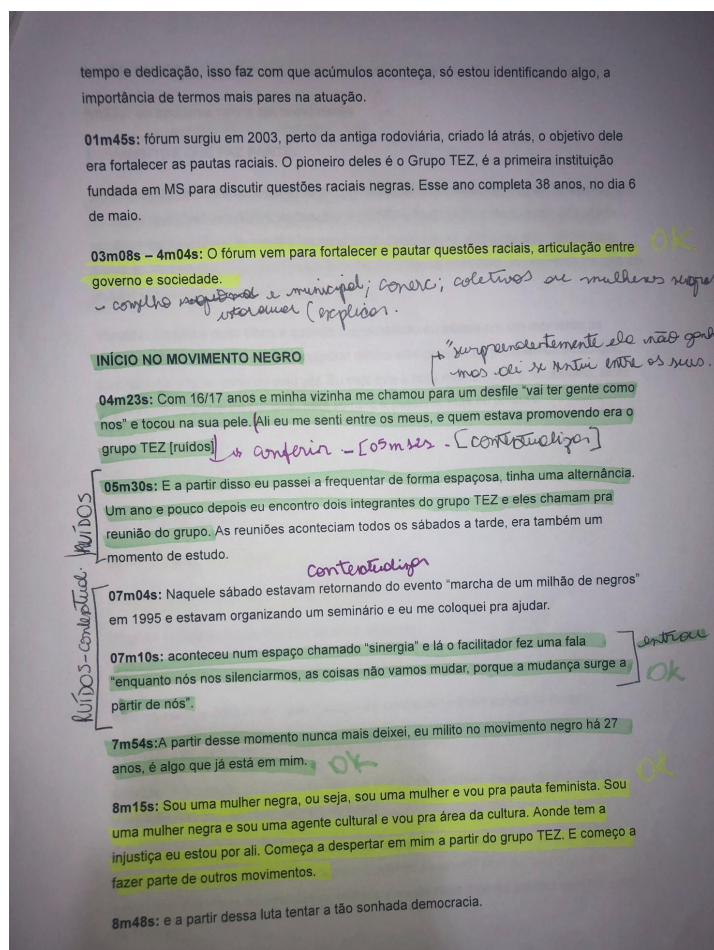


Figura 7 - Imagem de uma das laudas do documento de decupagem, ao todo são 34 páginas de transcrição. O exemplo acima é da entrevista de romilda Romilda Pizani e algumas anotações| Fonte: produção da autora, 2023.

Antes de iniciar a montagem e a edição do *podcast*, o documento de decupagem foi impresso para que pudesse ser rasurado e receber todas as anotações necessárias. Com marcadores de texto foram sinalizadas as falas referentes aos temas propostos para cada episódio. O episódio 1, relativo à história, trajetória, passagem pelo ensino público e as demais questões relacionadas a esse tema, foram marcados de amarelo. O episódio 2, sobre a participação nos movimentos sociais e políticos, foi marcado em



verde, e o último episódio, que aborda como elas se relacionam coletivamente, foi marcado em azul.

Outro benefício do documento de decupagem foi a visualização de todas as falas das entrevistadas, que possibilitou a conexão entre as falas de cada entrevistada e as temáticas abordadas. Afinal, a proposta principal do *podcast* era a de apresentar diferentes pontos de vista sobre o mesmo assunto. Portanto, antes de iniciar a montagem dos episódios, foi possível pré-selecionar as falas e temáticas que seriam abordadas em cada um dos episódios. Isso fez com que o tempo de produção, e os testes realizados no programa *Audacity*, fossem minimizados – o que otimizou o tempo de produção.

2.1.3 Podcast / edição

O *podcast* foi produzido no *software* livre de edição digital de áudio - *Audacity*. E, devido à familiaridade com a ferramenta, não houve grandes dificuldades técnicas quanto ao manuseio do programa. O processo de edição foi complexo devido à construção de sentido entre as falas, visto que os três episódios contavam com a participação de todas as fontes opinando sobre o mesmo assunto, além das locuções da narradora.

Com a ajuda do documento de decupagem foi possível visualizar e definir quais frases entrariam no roteiro final, e com o auxílio de um caderno, a narrativa foi construída para cada personagem. Após isso, a partir do acesso ao áudio bruto das entrevistas foram sendo pinçadas as partes escolhidas para compor o roteiro final. A primeira garimpagem foi realizada da seguinte forma: com duas telas - uma do notebook e uma extensão do computador - e dois arquivos do *Audacity* abertos, as

frases eram selecionadas no arquivo bruto com a minutagem indicada e adicionadas à segunda área de trabalho do Programa (FIGURA 8).

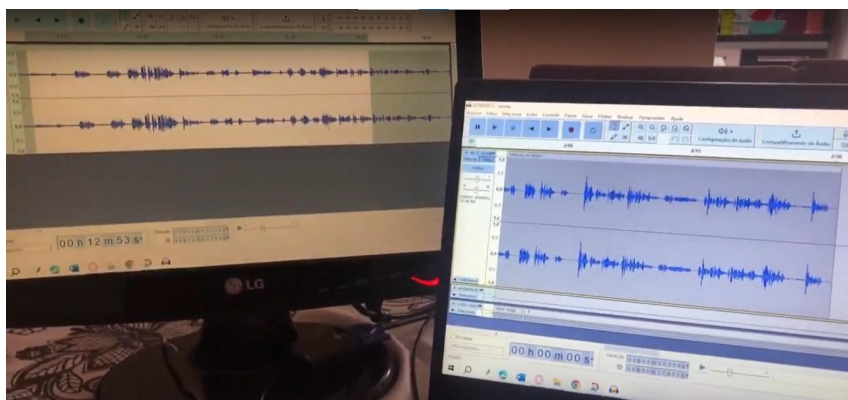


Figura 8 - Print do vídeo que mandei para a minha orientadora sobre o processo de edição | Fonte: produção da autora, 2023.

A segunda etapa consistiu em montar um outro projeto no *Audacity* para juntar todos os conteúdos de cada episódio. Esses arquivos continham todas as falas pré-selecionadas, e um documento especificamente criado para cada uma das fontes-personagem. Os áudios selecionados passaram pela primeira edição de cortes e remoção de ruídos. Ainda, renomear cada frase, dentro do programa, auxiliou posteriormente na montagem dos episódios finais. Este processo foi repetido até chegar ao resultado final, que consistia em: três arquivos nomeados como “Episódio 1”; três arquivos para o “Episódio 2” e três para “Episódio 3” (FIGURA 9).

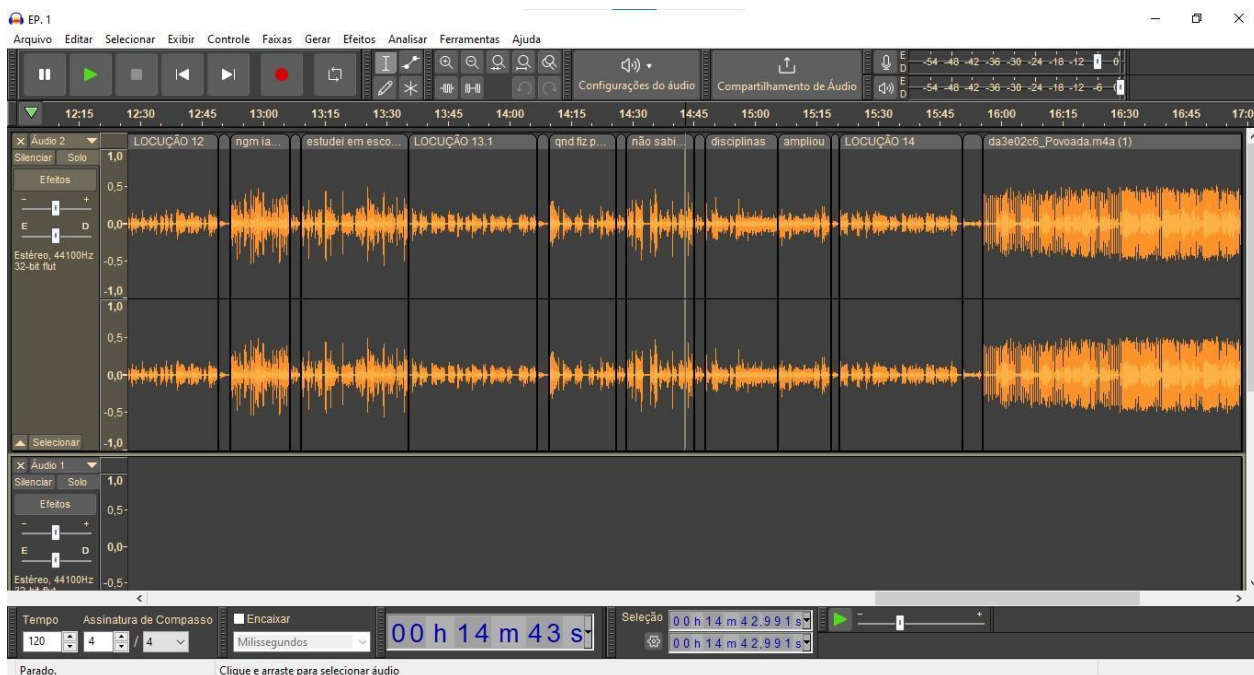


Figura 9 - Projeto do Ep. 1 da Jessika, com as faixas pré-selecionadas para o produto final | Fonte: produção da autora, 2023.

A terceira etapa, por fim, concebeu na elaboração da versão final dos episódios na , ou seja, o *podcast* em si. As sonoras, trilhas e os efeitos de transição escolhidos no banco de áudio *Pixabay Music*¹⁶. É importante mencionar que, somente neste momento, o roteiro de locução foi preparado – juntamente com a produção da edição final. Isto porque, a locução dependeria da conexão e contextualização das falas adicionadas (FIGURA 10).

¹⁶ O site de bando de áudio utilizado foi o Pixabay Music:
<https://pixabay.com/pt/music/search/theme/música%20de%20podcast/>

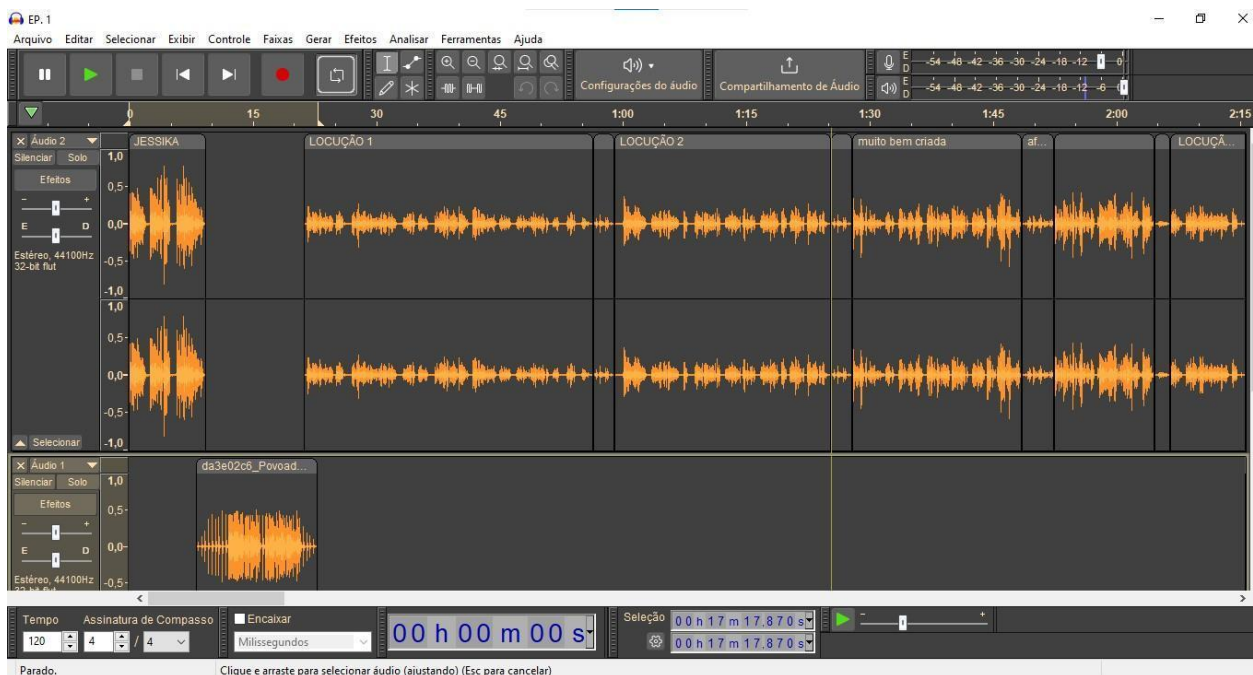


Figura 10 - Projeto do Ep. 1 com a montagem pronta, incluindo a locução | Fonte: produção da autora, 2023.

No caso do roteiro, ele foi construído em conjunto com a edição. Em linhas gerais, ele contém as locuções, sobre-som (entrada de sonoras e trilhas) e demais direcionamentos de locução. Basicamente, a locução/narração serviu como um conector entre as falas das fontes e um direcionamento para o ouvinte sobre o que foi discutido durante todos os episódios. Além disso, a locução foi utilizada para explicar e contextualizar termos específicos e não tão usuais.

2.1.4 Identidade Visual

Para a disponibilização do *podcast* na plataforma de *streaming* Spotify e para que as personagens fossem apresentadas aos ouvintes através de uma ilustração, a identidade visual foi construída pela ilustradora digital e estudante de Jornalismo da



UFMS, Victória Amorim, pensando em reproduzir as características físicas e de personalidade das personagens.

Uma foto das três foi enviada para a ilustradora, que realizou alguns testes de acordo, também, com as orientações físicas e psicológicas repassadas para ela. O objetivo com a construção das ilustrações para a capa dos episódios era que, por ser um produto em áudio, os ouvintes também pudessem ver as entrevistadas. O processo durou cerca de duas semanas e teve vários ajustes, para que pudéssemos alinhar como elas seriam retratadas. Outro objetivo alcançado com a ilustração, foi de traduzir as potencialidades e singularidades das personagens por meio das ilustrações.

As referências utilizadas foram ilustração com silhuetas, rostos e linhas simples e o resultado final foi uma mescla dessas seleções com o que esperávamos para as imagens de cada uma. As cores e a arte mais vibrante pretendem representar a vivacidade das entrevistadas, ponto bastante relevante à personalidade e à luta social das três.

As ilustrações passaram por vários testes quanto à cor do fundo e posicionamento dos elementos, para que não fugissem da ideia inicial e para que todas as informações ficassem visualmente harmônicas, considerados os princípios da comunicação visual. (FIGURA 11, 12, 13, 14).



Figura 11 - Capa do *podcast* | Fonte: produção de Victória Amorim, 2023.



Figura 12 - Capa do Episódio 1 “*Quem são elas*” | Fonte: produção de Victória Amorim, 2023.



Figura 13 - Capa do Episódio 2 “O movimento delas” | Fonte: produção de Victória Amorim, 2023.



Figura 14 - Capa do Episódio 3 “Sou porque nós somos” | Fonte: produção de Victória Amorim, 2023.



2.2 Dificuldades Encontradas

A principal dificuldade encontrada surgiu no momento da execução do Projeto, ao conciliar minha vida pessoal, acadêmica e profissional. Apesar de ter tido um intervalo de dois semestres entre o desenvolvimento do Pré-Projeto e a execução do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), conciliar a vida acadêmica e a inserção no mercado de trabalho foi um dos maiores desafios enfrentados em todo o processo de execução do produto final. No momento que comecei a produção (realizar os encontros, decupagem, etc.), passei por alguns imprevistos familiares e financeiros, fazendo com que, além de estagiar, precisasse completar minha renda com trabalhos *freelancer* na área da comunicação, e em outras. Esta fase impediu que eu mantivesse a frequência esperada para produzir tudo o que havia me proposto e planejado.

Ainda em relação ao tempo de produção, encontrei dificuldades com a disponibilidade de tempo de todas as fontes, já que muitos horários se chocavam e alguns encontros foram remarcados repetidas vezes. Outro obstáculo enfrentado ao produzir, em meio a um tempo complexo e não linear, foi não conseguir realizar tantos testes de edição como eu gostaria.

Construir o *podcast* teve dificuldades particulares, visto que não há um caminho prévio a ser seguido ou um padrão pré-estabelecido para a montagem de edição. A prática é, na maioria das vezes, intuitiva e personalizada a depender da temática, condução das entrevistas e sons pertinentes e disponíveis. Outro ponto importante que me ensinou muito: a qualidade de som e a falta de êxito dos ambientes escolhidos para as entrevistas gravadas, isto porque, apesar de ter tido o objetivo de humanizar o processo e gravar em espaços em que elas se sentissem confortáveis, não me atentei tanto aos ruídos irreversíveis que poderiam ser captados. Devido a isso, alguns trechos muito interessantes ficaram fora do *podcast*, por não terem sido resolvidos na edição.



Assim, o gerenciamento dos diversos imprevistos e dificuldades, como a qualidade de áudio, captação de ruídos externos e a disponibilidade de tempo para a realização das entrevistas, foram também dificuldades impostas durante o processo produtivo deste *podcast*.

2.3 Objetivos Alcançados

Acredito que tenha cumprido todos os objetivos propostos inicialmente, em especial o de retratar a história de mulheres que vivem suas lutas, experiências, conquistas e, que se articulam para conquistar direitos de melhorias para a população negra e de outras mulheres. Me propus utilizar o jornalismo humanizado e a observação participante, que contemplasse o imersivo-descritivo, na criação do *podcast* e acredito ter alcançado este objetivo. Imergi e me debrucei nas histórias de forma com que pudesse me aprofundar em questões particulares do universo das minhas fontes, sobretudo utilizando todas as ferramentas adquiridas no decorrer do curso de jornalismo.

Busquei, desde minha produção no pré-projeto, evitar a perpetuação de estereótipos das mulheres negras, seja em minha forma de encarar suas vivências, ou na maneira de as retratar, e estou satisfeita com o exercício constante neste aspecto. Creio ter conseguido enfrentar esta problemática e não perpetuá-la. Outro objetivo alcançado com êxito, foi o destaque das contradições e particularidades de cada uma, na construção de perfiladas e na denúncia contra o racismo e o machismo.

Desenvolvi técnicas de escuta e aprofundamento antes, durante e após as entrevistas, adquirindo ainda mais conhecimento do jornalismo imersivo-descritivo. Este exercício forma não somente uma profissional em busca de aperfeiçoamento da



tecnicidade, mas também uma pessoa mais sensível, crítica e consciente sobre as nuances e impactos da vida trivial.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de mulheres que enfrentam conflitos internos e sociais, preconceitos, e articulam-se diariamente para propor ações reivindicatórias, impactará positivamente na construção de registros de mulheres brasileiras e revolucionárias. É importante disseminarmos mais essas produções, tendo como foco o bem-estar daquelas que buscam reformas no escopo social. O trabalho dessas mulheres é árduo e em sua grande maioria fortemente desvalorizado e invisibilizado.

O desenvolvimento do processo produtivo permitiu exercitar e adquirir conhecimento sobre apuração, escuta ativa e elaboração de entrevistas imersivas, realizadas durante toda a produção. Ainda, o aprimoramento dos conhecimentos técnicos se deu a partir do manuseio de equipamentos de captação e edição de áudio.

É uma oportunidade de expor o relatório como um objeto de estudo para trabalhos futuros, em âmbito acadêmico ou fora dele. Ao ouvir e contar como as mulheres negras entrevistadas lidam com os estereótipos associados ao gênero e à cor, pretende auxiliar a construção de representatividade, em especial, em quem busca uma figura de identificação e inspiração.

O exercício da escuta atenta do jornalismo humanizado, das estratégias da entrevista e escrita de caráter imersivo-descritivo proporcionou uma experiência rica em observar o que muitas vezes se torna costumeiro. Que nós, como comunicadores, possamos nos capacitar cada vez mais para encarar atentamente às pequenas e grandes transformações realizadas por atores sociais que muitas vezes nem são



considerados. Neste caso, em especial as mulheres negras, que sofreram, por milhares de anos, com a invisibilização e o apagamento de suas histórias. Que possamos ampliar as vozes de pessoas que estão na linha de frente de revoluções invisíveis e latentes para a sociedade brasileira.

Ainda, este trabalho foi importante para que eu enfrentasse uma questão que é muito cara para mim desde o início da graduação: a autodeclaração e a conscientização sobre o racismo e tudo o que ele implica. Assim como ocorreu com as minhas fontes, eu também me reconheci como uma mulher negra de pele clara logo que entrei na faculdade e, coincidentemente, enquanto produzia o *podcast*, na metade do ano de 2023, escutei algumas pessoas do curso de jornalismo dizerem que me consideravam branca. Outras discussões nas redes sociais que fomentam a descredibilização da reafirmação racial também me fizeram duvidar sobre minha própria raça. Este é outro tipo de apagamento e dificulta a autodeclaração de muitas pessoas negras no Brasil, país miscigenado e com diversos subtons. Por isso, me vi muitas vezes desafiada a descontinuar a produção deste trabalho, por receio da invisibilização ou uma possível chacota - afinal, muitas pessoas são desconsideradas pela justificativa de “não terem o lugar de fala” para abordar tal assunto. No fim das contas, foi importante dar seguimento e presenciar falas tão potentes e que me impulsionam como mulher, profissional e militante. Este assunto me despertou a pesquisar mais sobre, visto também, que muitos estudos são inconclusivos no âmbito acadêmico, por isso, me vejo desafiada e com planos de iniciar um mestrado com este recorte temático.

O resultado disto foi, também, o impulsionamento da minha produção acadêmica, nesse caso, sobre mulheres negras e suas vivências, fortalecendo ainda mais o nosso pertencimento e a ocupação do espaço, o lugar do discurso, de existência. E que venha muitos outros. Por isso, pretendo dar continuidade a este trabalho e produzir mais episódios com os materiais que restaram desta produção e, futuramente, gostaria de



entrevistar outras mulheres e abordar outros assuntos neste eixo-temático (gênero, raça, diversidade e classe). Desejo transformá-lo em um projeto maior, talvez com outro formato e tentar parcerias com iniciativas que contribuam financeiramente para a continuidade deste trabalho.

Estes episódios estão disponíveis na plataforma de áudio *Spotify*¹⁷, juntamente com as capas ilustradas, descrição e resumo do que será abordado em cada conteúdo. Também realizei algumas captações de fotos das entrevistadas e, para divulgar o *podcast*, criei um Instagram com o nome “mulheridades”, para futuramente produzir e divulgar sobre outros assuntos envolvendo este tema. O perfil no Instagram é: @mulheridades_podcast¹⁸. Também irei publicar trechos dos áudios, juntamente com as fotos tiradas no backstage, para atrair ainda mais pessoas a ouvir. As ilustrações também serão publicadas neste perfil.

4.REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silva. **Racismo estrutural**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.
- CANDIDO, Marcia Rangel; JÚNIOR, João Feres. **Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro**. In Revista Estudos Feministas, 27(2), e54549. 2019. Acesso em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254549>
- CANTO, Vanessa Santos Do. **O Movimento De Mulheres Negras Na Luta Contra O Racismo E Sexismo E O Estatuto Da Igualdade Racial: The Movement Of Black Women In The Fight Against Racism And Sexism And The Statute Of Racial Equality**. Revista da Faculdade de Direito da UFG, Goiânia, v. 46, n. 3, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revfd/article/view/71696>. Acesso em: 29 out. 2023.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígena, Universidade Católica de Pernambuco. Disponível em: https://www1.unicap.br/neabi/?page_id=137. Acesso em: 24 fev. 2023.

¹⁷ disponível em: <https://podcasters.spotify.com/pod/show/beatriz-brites-prad>

¹⁸ disponível em: https://instagram.com/mulheridades_podcast?igshid=OGO5ZDc2ODk2ZA%3D%3D&utm_source=qr



- COIMBRA, Oswaldo. **O texto da Reportagem Impressa**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Ática, 1993.
- COLLINS, Patricia Hill. **O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso**. Cadernos Pagu, n. 51, p. e175118, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/P3Hpz4XQsPqSqJLm9KH6tC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- DELL'AGLIO, Daniela Dalbosco; MACEDO, Fernanda dos Santos de; CRUZ, Priscila Andréa da. **Seminário sobre Mulheridades e Políticas Públicas: Desafios na Efetivação da Extensão Universitária como Política das Diferenças**. Revista da Extensão, Porto Alegre, n. 18, p. 18–24, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revext/article/view/95546>. Acesso em: 2 dez. 2023.
- JOSÉ, Carmen Lúcia. **História Oral e Documentário Radiofônico: distinções e convergências na formatação dessa categoria de programa**. Revista Conexão. Caxias do Sul, v. 2, n.3, p. 121-132, 2003. Acesso em: 23 mai. de 2023.
- JOSÉ, Carmen Lúcia. **Estruturas do Documentário Radiofônico: Padrão e Desviante**. Revista Nheengatu. São Paulo, v. 2, n. 3. 2015: sujeitos na comunicação. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nheengatu/article/view/34257>. Acesso em: 23 maio 2023.
- LUNZ, Leandro da Silva. **Mulher e História: Da invisibilidade à sujeito de análise**. Revista Eletrônica História em Reflexão, [S. l.], v. 12, n. 23, p. 50, 2018. DOI: 10.30612/rehr.v12i23.7829. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/7829>. Acesso em: 09 mai. 2022.
- Núcleo de Gênero e Diversidade (NUGEN). **Mulheridades não hegemônicas**. 2022. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nugen/2022/04/18/mulheridades-nao-hegemonicas/>. Acesso em: 28 de nov. 2023.
- OLGA. T. In: OLGA, **Minimanual do jornalismo humanizado: Estereótipos Nocivos**. Olga: São Paulo, SP, 2017a. Disponível em: https://thinkolga.com/wpcontent/uploads/2020/04/ThinkOlga_Minimanual_Parte_IV_Estereotipos_Nocivos.pdf. Acesso em: 19 mai. 2022
- PADILHA, Luis David Falcão. **As características sonoras do Podcast O Assunto frente à estética radiofônica**. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2481-1.pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.
- REZZUTTI, Paulo. **Mulheres do Brasil: A história não contada**. 1. ed. São Paulo: LeYa Brasil, 2018.
- RIBEIRO, Matilde. **Mulheres negras em movimento: criações individuais e coletivas por vidas com dignidade e direitos**. Práxis Educativa, [S. l.], v. 17, p. 1–18, 2022. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.17.19374.002. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19374>. Acesso em: 23 set. 2023.

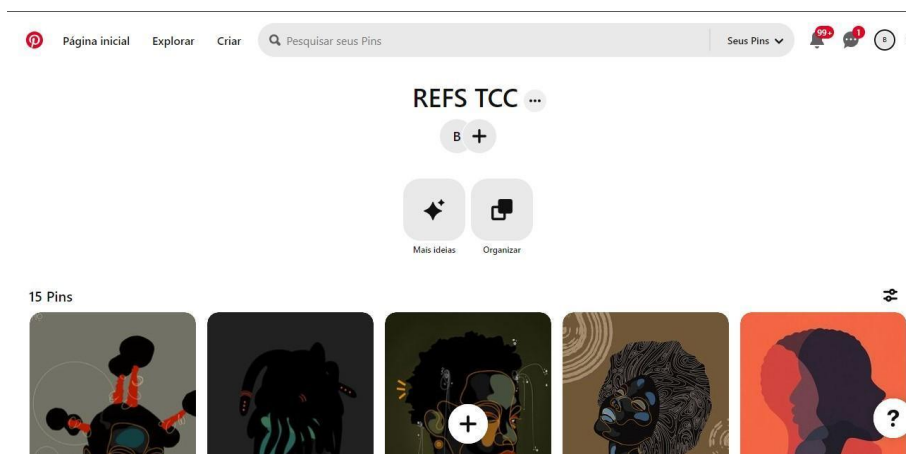


- SANTOS, Gyne Gessyka Pereira; SALES, Sandra Regina. **A Mulher Negra Brasileira, Miscigenação e o Estupro Colonial: O mito da democracia racial e o reforço de estereótipos racistas e sexistas**. Caderno Espaço Feminino, [S. l.], v. 31, n. 1, 2018. DOI: 10.14393/CEFv31n1-2018-3. Disponível em: https://www.academia.edu/58595695/A_Mulher_Negra_Brasileira_Miscigena%C3%A7%C3%A3o_e_o_Estupro_Colonial_O_mito_da_democracia_racial_e_o_refor%C3%A7o_de_estere%C3%B3tipos_racistas_e_sexistas. Acesso em: 19 maio 2022.
- SANTOS, Manuela Pinheiro; SANTOS, Edna Consuelo Lisboa Pinheiro; SILVA, Jéssica Góes da; SILVA, Ícaro Ferreira da. **A invisibilidade da mulher negra na mídia**. Anais V ENLAÇANDO. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: [TRABALHO_EV072_MD1_SA30_ID122_19062017214709.pdf \(editorarealize.com.br\)](TRABALHO_EV072_MD1_SA30_ID122_19062017214709.pdf(editorarealize.com.br)). Acesso em: 19 maio. 2022.
- SANTOS, Steffane Pereira. **Movimento de Mulheres Negras no Brasil: Rompendo com os silenciamentos e protagonizando vozes**. Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 1–22, 2020. DOI: 10.35699/2525-8036.2020.24506. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revce/article/view/24506>. Acesso em: 27 fev. 2023.
- SOUZA VASCONCELOS, Ana Paula; MOTA DE GOIS, Viviane; RODRIGUES DA SILVA, Bárbara Elizabete; SIQUEIRA DOS SANTOS, Maria Caroline. **A importância do movimento de mulheres negras e suas principais conquistas e desafios na atualidade**. Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - Sergipe, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 261, 2021. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/9862>. Acesso em: 28 set. 2023.
- SILVA, Juliana do Vale. **Linguagem radiofônica e estratégias de imersividade em narrativas sonoras: uma análise do podcast “Archive 81”**. 87 f., il. 2021 Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/31109>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 14. ed. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 2020.
- VILAS-BOAS, Sergio. A ARTE DO PERFIL, ensaio publicado no livro: **Perfis – o Mundo dos Outros** (impresso), **Perfis – o Mundo dos Outros** (e-book) - 3ª edição revista e ampliada, Manole, 2014, pp. 271-287; Disponível em: <https://sergiovilasboas.com.br/jornalismo/a-arte-do-perfil/>. Acesso em: 23 set. 2023.
- VIANA, Luana. **O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos**. Comunicação Pública, [S. l.], v. 16, n. 31, 2021. DOI: 10.34629/cpublica.72. Disponível em: <https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/72>. Acesso em: 30 out. 2023.
- LOPEZ, Debora Cristina; FREIRE, Marcelo. **Linguagem radiofônica e jornalismo: um estudo das estratégias estéticas das séries de reportagens da Rádio Eldorado**. Logos, [S. l.], v. 18, n. 2, 2011. DOI: 10.12957/logos.2011.2158. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/2158>. Acesso em: 18 abr. 2023.



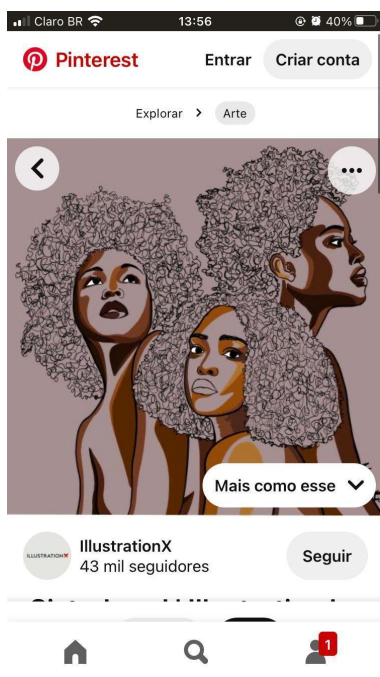
ANEXOS

Identidade Visual - Referências visuais:



Pasta de referências para a ilustração na plataforma de imagens *Pinterest*. | Fonte: produção da autora, 2023.

Link da pasta: <https://pin.it/5Pjz97k>





APÊNDICES

ILUSTRAÇÃO

Esboço



Testes - Capa





Primeiras versões - Episódios

Episódio 1

Episódio 2



Episódio 3



VERSÕES FINAIS

Capa principal





Roteiro - Podcast

1º Episódio: Quem são elas



Discente: Beatriz Brites Prado			
Data: 10/09/2023	Programa: Documentário Radiofônico – Episódio 1	Retranca: “Elas no movimento”	Tempo: máx. 17 minutos

ROTEIRO EP. 1

//// ABERTURA ////

Trilha de introdução.

JESSIKA EP. 1 [Sou coletânea]

//// INTRODUÇÃO - LOCUÇÃO 1 ////

SEJAM BEM-VINDAS E BEM-VINDOS AO PODCAST “ELAS NO MOVIMENTO” /
ESTE É O PRIMEIRO EPISÓDIO DESTA SÉRIE // AQUI / VOCÊS CONHECERÃO
UM POUCO DA TRAJETÓRIA DE TRÊS MULHERES NEGRAS QUE POSSUEM
ALGO EM COMUM: ELAS ESTÃO NA LINHA DE FRENTE DOS MOVIMENTOS
SOCIAIS E POLÍTICOS DA CAPITAL DE MATO GROSSO DO SUL // PARA ALÉM
DA LUTA / QUEM SÃO ELAS //

//// PRIMEIRA PARTE - ////

QUEM SÃO ELAS? INFÂNCIA, VALORES PESSOAIS, ENSINO PÚBLICO

//// SOBE SOM / TRILHA ////

//// SONORA – JESSIKA EP. 1 “MEU NOME É JESSIKA...” // ////

//// SOBE SOM / TRILHA ////

/// LOCUÇÃO 2 ///



Discente: Beatriz Brites Prado			
Data: 10/09/2023	Programa: Documentário Radiofônico – Episódio 1	Retranca: “Elas no movimento”	Tempo: máx. 17 minutos

JESSIKA RABELLO NASCEU E CRESCEU EM CAMPO GRANDE / ELA SE FORMOU EM PEDAGOGIA NA FACULDADE MATO GROSSO DO SUL / A FACSUL // ATUALMENTE ESTÁ FILIADA AO PARTIDO POLÍTICO / PSOL / E EM OUTUBRO DE 2022 / IDEALIZOU O COM CIÊNCIA / UM MOVIMENTO POLÍTICO SUPRAPARTIDÁRIO / OU SEJA / MOVIMENTO QUE REÚNE VÁRIOS PARTIDOS / MAS SEM SE SUBMETER A UM ESPECÍFICO //

//// SOBE SOM / TRILHA ////

//// SONORA – JESSIKA EP. 1 “fui muito bem criada, minha mae não se considera preta mas sempre lutou para que eu me considerasse preta...” /////

//// SOBE SOM / TRILHA ////

//// SONORA – LADI – ENTREVISTA 2 [03m16S – 03m31s] “minha mae sempre me incentivou a ter cabelo cacheado” /////

/// LOCUÇÃO 3 ///

ESTA É A LADIELLY DE SOUZA / ELA TEM 26 ANOS E FAZ PARTE NÚCLEO DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO EM CAMPO GRANDE (MS) / O MNU // FILIADA AO PARTIDO DOS TRABALHADORES DESDE A ADOLESCENCIA / ELA É SECRETÁRIA ADJUNTA DE JUVENTUDE DO MS / CO FUNDADORA DO COLETIVO “GENI” E DO COLETIVO “ELAS PODEM” //

AS FALAS DE JESSIKA E DE LADIELLY NOS LEVA A SEGUINTE REFLEXÃO / A EMANCIPAÇÃO DE MULHERES NEGRAS CONQUISTADA PELO RECONHECIMENTO DE SUAS IDENTIDADES / E EM ESPECIAL POR MEIO DO



Discente: Beatriz Brites Prado			
Data: 10/09/2023	Programa: Documentário Radiofônico – Episódio 1	Retranca: “Elas no movimento”	Tempo: máx. 17 minutos

AQUILOMBAMENTO / TEM OFERECIDO FÔLEGO PARA QUE ELAS
CONTINUEM NA LUTA CONSTANTE PELOS DIREITOS E DIGNIDADE DOS
SEUS E DE SI MESMAS //

AQUILOMBAR É CONSTRUIR UM ESPAÇO SOCIAL DE RESISTÊNCIA / É
RECONSTITUIR VALORES DE UM QUILOMBO / UM LUGAR DE LIBERDADE / DE
IDENTIFICAÇÃO // É VOLTAR PARA AS ORIGENS E VIVER AS RAÍZES DE UMA
CULTURA ROUBADA //

PARA QUEM DESEJA SE APROFUNDAR NESTE ASSUNTO TÃO IMPORTANTE
E COMPLEXO / CONFIRA O EPISÓDIO 244 / TITULADO COMO “O QUE É
AQUILOMBAR?” / DO PODCAST “COPIÔ, PARENTE!” - DISPONÍVEL AQUI NO
SPOTIFY //

//// SONORA – LADI – ENTREVISTA 2 [05m27s – 05m36s] “EPISTEMICIDIO”

///////

/// SEM TRILHA ///

/// LOCUÇÃO 4 ///

PARA SUELI CARNEIRO / FILÓSOFA BRASILEIRA / O EPISTEMICÍDIO É / ABRE
ASPAS / PARA ALÉM DA ANULAÇÃO E DESQUALIFICAÇÃO DO
CONHECIMENTO DOS POVOS SUBJUGADOS / UM PROCESSO PERSISTENTE
DE PRODUÇÃO DA INDIGÊNCIA CULTURAL: PELA NEGAÇÃO AO ACESSO À
EDUCAÇÃO, SOBRETUDO DE QUALIDADE; PELA PRODUÇÃO DA
INFERIORIZAÇÃO INTELECTUAL / FECHA ASPAS //



Discente: Beatriz Brites Prado			
Data: 10/09/2023	Programa: Documentário Radiofônico – Episódio 1	Retranca: “Elas no movimento”	Tempo: máx. 17 minutos

EM OUTRAS PALAVRAS / É O APAGAMENTO EM NÍVEIS CULTURAIS E
INTELECTUAIS DAQUELES QUE NÃO FAZEM PARTE DO GRUPO
HEGEMÔNICO //

***FONTE: “A construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser” (Carneiro, p. 97,
2005)***

//// SOBE SOM / TRILHA ////

/// LOCUÇÃO 5 ///

RESULTADO DE MUITA LUTA E RESISTÊNCIA / AS REIVINDICAÇÕES DO
MOVIMENTO NEGRO TÊM OCUPADO CADA VEZ MAIS A DISCUSSÃO NO
ESPAÇO PÚBLICO / NAS REDES SOCIAIS E NA GRANDE MÍDIA//

POR ISSO / O OBJETIVO DESTES PODCAST É TRAZER DIFERENTES FACETAS
DE ALGUMAS PERSONAGENS BRASILEIRAS QUE PARTICIPAM DE
MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS / A FIM DE EVIDENCIAR OS
BASTIDORES DE UM PROCESSO QUE É TÃO DESAFIADOR E COMBATENTE ///

//// SEGUNDA PARTE – HISTÓRIA ROMILDA ////

INFÂNCIA MAIS APROFUNDADA DE ROMILDA (ESPAÇO PARA CONHECEREM
INTIMAMENTE ELA)



Discente: Beatriz Brites Prado			
Data: 10/09/2023	Programa: Documentário Radiofônico – Episódio 1	Retranca: “Elas no movimento”	Tempo: máx. 17 minutos

//// SONORA - ROMILDA EP. 1 [APRESENTAÇÃO]

///////

/// LOCUÇÃO 6 ///

AH / ESSA É A ROMILDA PIZANI / NOSSA TERCEIRA INTEGRANTE //

/// LOCUÇÃO 7 ///

A PARTIR DESTE MOMENTO / VOCÊS IRÃO CONHECER UM POUCO MAIS / DA
HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE VIDA / DA JESSIKA / LADIELLY E ROMILDA //

E AQUI VAI UM SPOILER: / SUAS VIVÊNCIAS / EM ESPECIAL NA INFÂNCIA E
ADOLESCÊNCIA / AS LEVARAM PARA O LUGAR QUE ESTÃO HOJE //

**//// SONORA – ROMILDA EP. 1 [01m51s – 2m05s] “nasci na rua ângelo,
guanandi [...]”**

/// LOCUÇÃO 8 ///

ROMILDA É FRUTO DE UM CASAL INTERACIAL / SUA MÃE NEGRA E SEU PAI
DESCENDENTE DE ITALIANO // ELES SE CONHECERAM E FICARAM NOIVOS
NO PARANÁ / ESTADO NATAL DE SUA MÃE //

UM TEMPO DEPOIS DONA ALICE / MÃE DE ROMILDA / ROMPEU O NOIVADO E
VEIO PARA CAMPO GRANDE // APÓS ALGUM TEMPO / SEU PAI FICOU
DOENTE / E BUSCOU TRATAMENTO NO HOSPITAL DE CÂNCER AQUI NO
ESTADO //

//// SOBE SOM / TRILHA ////



Discente: Beatriz Brites Prado			
Data: 10/09/2023	Programa: Documentário Radiofônico – Episódio 1	Retranca: “Elas no movimento”	Tempo: máx. 17 minutos

//// SONORA – ROMILDA EP. 1 [02m03s – 3m07s] “reencontro dos pais e conhecimento dela com a família de seu pai [...]”

/// LOCUÇÃO 9 ///

E ESTA FOI A ÚLTIMA VEZ QUE VIU A FAMÍLIA PATERNA // NA PRIMEIRA NOITE DE VISITA / ROMILDA COMEÇOU A CHORAR E SEUS PAIS OUVIRAM DE UM DOS PARENTES / “O FILHO DE SÃO BENEDITO JÁ ESTÁ CHORANDO DE NOVO?” // JOÃO PIZANI / PAI DE ROMILDA / IDENTIFICOU A FALA RACISTA E RECUSOU-SE PERMANECER NA RESIDÊNCIA DA FAMÍLIA // NO MESMO DIA / ELES FORAM EMBORA // A PARTIR DAQUELE MOMENTO / ROMILDA TEVE UMA INFÂNCIA CERCADA DE AFETIVIDADE E CUIDADO / POR SUA MÃE / SEU PAI E PELA VIZINHANÇA NO BAIRRO EM QUE CRESCEU //

//// SONORA – ROMILDA EP. 1 [00m00s – 00m00s] “infância até os 8 anos [...] meu pai faleceu” ///

//// SONORA – ROMILDA EP. 1 [00m00s – 00m00s] “a maturidade vem pra mim muito cedo e muito dolorosa..”

/// LOCUÇÃO 10 ///

ROMILDA PRECISOU TRABALHAR COM 11 ANOS DE IDADE // A CASA DA FAMÍLIA QUE A ACOLHEU PASSOU A SER A SUA RESIDÊNCIA E TAMBÉM O SEU LOCAL DE TRABALHO //

FOI AOS 18 ANOS QUE COMEÇOU A TRABALHAR NA SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO / COMO FUNCIONARIA PÚBLICA // NAQUELE MOMENTO / ELA JÁ ESTAVA RELACIONADA COM O MOVIMENTO NEGRO //



Discente: Beatriz Brites Prado			
Data: 10/09/2023	Programa: Documentário Radiofônico – Episódio 1	Retranca: “Elas no movimento”	Tempo: máx. 17 minutos

NO MESMO PERÍODO / DISTANCIADA DA RELAÇÃO AFETIVA COM SUA MÃE /
ELAS SE REAPROXIMAM / E ROMILDA PASSA A SER FINANCEIRAMENTE
RESPONSÁVEL EM CASA //

APESAR DE PASSAR POR MUITOS MOMENTOS DE DOR / ROMILDA SE
RECONSTRUIU // ENCONTROU NAS AMIZADES QUE FEZ AO LONGO DA VIDA
O SEU CONFORTO E LAR // QUANDO INGRESSA NO MOVIMENTO NEGRO/
TUDO EM SUA VIDA MUDA //

**//// SONORA – ROMILDA EP. 1 [00m00s – 00m00s] “o movimento negro muda
tudo ..”**

/// LOCUÇÃO 11 ///

PARA ALÉM DA DOR / DO SOFRIMENTO / DO ABANDONO / ROMILDA É A
PROTAGONISTA DE SUA HISTÓRIA // E A REESCREVE COMO NINGUÉM /
SEMPRE AUTÊNTICA / E FAZENDO JUS A SUA ANCESTRALIDADE //

**//// SONORA – ROMILDA EP. 1 [00m00s – 00m00s] “então, talvez, as
armadilhas da vida eu consegui...”**

**//// SONORA – ROMILDA EP. 1 [00m00s – 00m00s] “a minha ancestralidade foi
de rei e rainha”**

//// SONORA – ROMILDA EP. 1 “a arte ..”

/// LOCUÇÃO 12 ///



Discente: Beatriz Brites Prado			
Data: 10/09/2023	Programa: Documentário Radiofônico – Episódio 1	Retranca: “Elas no movimento”	Tempo: máx. 17 minutos

COMO CITADO ANTERIORMENTE / A FALTA DE ACESSO À EDUCAÇÃO DE QUALIDADE E ESPAÇOS CULTURAIS É UMA PROBLEMÁTICA FORTEMENTE PRESENTE NA VIDA DA POPULAÇÃO NEGRA //

DE ACORCO COM DADOS PUBLICADOS PELO INSTITUTO DE PESUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA) EM 2020 / NO BRASIL / APENAS 18% DOS JOVENS NEGROS DE 18 A 24 ANOS ESTÃO CURSANDO UMA UNIVERSIDADE //

MULHERES NEGRAS SE ARTICULAM / POR MEIO DE RESISTÊNCIAS E ESTRATÉGIAS COTIDIANAS PARA ALCANÇAR QUALIDADE DE VIDA EM TODOS OS ÂMBITOS / NA SAÚDE / EDUCAÇÃO / ARTE / LAZER E MORADIA //

É INEGÁVEL A IMPORTÂNCIA DE ESTAR PRESENTE NA CONSTRUÇÃO E NO PROTAGONISMO DE TRABALHOS ACADÊMICOS // AFINAL / QUEM FALARÁ DE UMA SITUAÇÃO QUE NÃO VIVENCIA? //

//// SONORA – LADIELLY EP. 1 “Ninguém ia falar sobre nós, as pessoas negras, ninguém ia trazer com teoria e com a vivência que eu tenho.

//// SOBE SOM / TRILHA ////

//// SONORA – JESSIKA EP. 1 “estudei em escola pública”

/// LOCUÇÃO 13 ///

JESSIKA É COMBATENTE E SEMPRE DEFENDEU SER DIFERENTE DO QUE ERA IMPOSTO // ELA FOI A PRIMEIRA PESSOA DA SUA CASA A CONCLUIR O ENSINO MÉDIO / E QUANDO ESCOLHEU FAZER PEDAGOGIA SÓ SUA MÃE A APOIOU // COMEÇOU A DAR AULA DE ALFABETIZAÇÃO PARA PESSOAS DO SEU BAIRRO AOS 15 ANOS COM METODOLOGIAS QUE ELA MESMA CRIOU /



Discente: Beatriz Brites Prado			
Data: 10/09/2023	Programa: Documentário Radiofônico – Episódio 1	Retranca: “Elas no movimento”	Tempo: máx. 17 minutos

O OBJETIVO ERA FACILITAR O APRENDIZADO DAQUELES QUE NÃO SABIAM
LER //

**//// SONORA – JESSIKA EP. 1 “quando eu queria fazer pedagogia, só minha
mãe apoiou”**

//// SOBE SOM / TRILHA ////

**//// SONORA – JESSIKA EP. 1 “eu descobri que tudo o que eu aprendi a ler
fora da faculdade era irreal... o professor da escola pública só faltava me dar a
resposta”**

//// SOBE SOM / TRILHA ////

//// SONORA – LADIELLY EP. 1 “quando tive acesso a essas disciplinas”

/// LOCUÇÃO 14 ///

**E SE VOCÊ ESTÁ CURIOSO OU CURIOSA PARA ENCONTRAR MAIS
SINGULARIDADE NESSAS MULHERES / NÃO PERCA O PRÓXIMO EPISÓDIO //**

**//// SONORA – JESSIKA EP. 1 “voltar lá também, eu precisaria revisitar todas
as minhas dores...”**

////// SOBE SOM – POVOADA SUED NUNES ////



Discente: Beatriz Brites Prado			
Data: 10/09/2023	Programa: Documentário Radiofônico – Episódio 1	Retranca: “Elas no movimento”	Tempo: máx. 17 minutos

ESTE É UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL/ PRODUZIDO E
EDITADO POR MIM / BEATRIZ BRITES PRADO // E ORIENTADO PELA PROF.
DRA. RAFAELLA LOPES PEREIRA PERES / E FAZ PARTE DE UMA SÉRIE DE
EPISÓDIOS QUE CONTA A HISTÓRIA DE TRÊS MILITANTES NEGRAS QUE
RESIDEM EM CAMPO GRANDE MS //

A MÚSICA TOCADA AO FINAL É “**POVOADA**” DA SUEDE NUNES